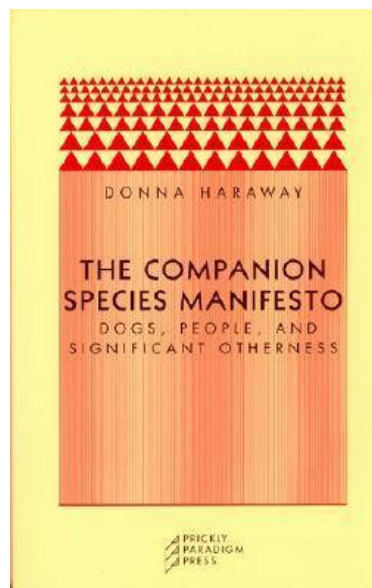


(TRANS)ECOQUEER

Fluindo através de ambientes transitórios.

O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante

Publicado em [17/05/2013](#)



HARAWAY, Donna. O Manifesto das Espécies de Companhia: Cães, Pessoas e a Outridade Significante. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

Traduzido por Sandra Michelli da Costa Gomes^[1]

Naturezas culturas Emergentes

De “Notas da Filha de um Escritor de Esportes”:

Sra. Cayenne Peper continua a colonizar todas as minhas células – um caso, com certeza, do que a bióloga Lynn Margulis chama de simbiogênese. Aposto que, se você verificasse o nosso DNA, você encontraria algumas transfecções relevantes entre nós. A saliva dela deve ter os vetores virais. Certamente, seus beijos certos de língua tem sido irresistíveis. Apesar de compartilharmos a localização no filo dos vertebrados, habitamos não apenas gêneros diferentes e famílias divergentes, mas ordens completamente distintas.

Como poderíamos resolver as coisas? Canídeo, hominídeo; bicho de estimação, professora; puta, mulher; animal, humano; atleta, treinadora. Uma de nós tem um microchip injetado sob a sua pele do pescoço para identificação; a outra tem uma foto de identificação na carteira de motorista da Califórnia. Uma de nós tem um registro escrito de seus antepassados por vinte gerações; uma de nós, produto de uma vasta mistura genética, é chamada de “raça pura”. Uma de nós, igualmente produto de uma vasta mistura, é chamada de “branca”. Cada um destes nomes designa um discurso racial, e nós duas herdamos as suas consequências em nossa carne.

Uma de nós está na iminência da realização física ardente e jovem; a outra está vigorosa, mas cambaleante. E jogamos um esporte de equipe chamado de agilidade na mesma terra natal expropriada onde os ancestrais de Cayenne pastorearam ovelhas da raça Merino. Estas ovelhas foram importadas de uma economia pastoral já colonial da Austrália para alimentar a Corrida do Ouro na Califórnia por quase meia década. Nas camadas da história, camadas da biologia, camadas das naturezaculturas, a complexidade é o nome de nosso jogo. Nós somos tanto descendentes dessa fome de liberdade da conquista, produtos de colônias de povoamento brancas, pulando sobre obstáculos e rastejando através de túneis no campo do jogo.

Tenho certeza que nossos genomas são mais parecidos do que eles deveriam ser. Deve haver algum registro molecular de nosso toque nos códigos do vivente que deixará vestígios no mundo, não importa que cada uma de nós seja uma fêmea reprodutivamente silenciada, uma pela idade, a outra cirurgicamente. Seus pastores australianos de graúna e língua vermelha rápida e ágil têm limpado os tecidos de minhas amígdalas, com todos os seus receptores do sistema imune ansiosos. Quem sabe para onde os meus receptores químicos transportam as mensagens dela ou o que ela tirou do meu sistema celular para distinguir o próprio de outros e ligando o fora ao dentro?

Temos tido umas conversas proibidas; temos tido sexo oral; somos obrigadas a contar a história sobre a história com nada além de fatos. Estamos treinando uma a outra em atos de comunicação que nós mal compreendemos. Nós somos, constitutivamente, espécies de companhia. Fazemos uma à outra, na carne. Significativamente outra entre si, numa diferença específica, nós mostramos na carne uma infecção desagradável de desenvolvimento chamada amor. Este amor é uma aberração histórica e um legado naturezacultural.

Este manifesto explora duas questões fluindo desta aberração e deste legado: 1) como pode uma ética e uma política comprometidas com o florescimento da outridade significativa ser aprendida ao se levar a sério as relações cão-humano; e 2) Como poderiam histórias sobre mundos de cães-humanos finalmente convencer os americanos estadunidenses dementes e, talvez, outras pessoas menos desafiadas historicamente de que a história importa nas naturezaculturas?

O Manifesto das Espécies de Companhia é um documento pessoal, uma incursão acadêmica em territórios conhecidos pela metade, um ato político de esperança em um mundo à beira da guerra global e um trabalho permanentemente em progresso, em princípio. Ofereço adereços de cão-consumidos e argumentos semitreinados para redimensionar algumas histórias que eu encaro como grandes escopos, como uma acadêmica e como uma pessoa em meu tempo e lugar. A história aqui é principalmente sobre cães. Apaixonadamente engajada nesses relatos, espero trazer os meus leitores para o canil vital. Mas eu espero também que mesmo a pessoa que tem fobia a cães – ou apenas aquelas com suas mentes em coisas elevadas – encontre argumentos e estórias que importam para os mundos em que ainda poderíamos viver. As práticas e os atores nos mundos dos cães, humanos e não-humanos, devem ser preocupações centrais dos estudos da tecnociência. Ainda mais perto de meu coração, quero que meus leitores saibam porque considero a escrita sobre cães como sendo um ramo da teoria feminista, ou o contrário.

Este não é o meu primeiro manifesto; em 1985, publiquei “O Manifesto Ciborgue” para tentar fazer o sentido feminista das implosões da vida contemporânea na tecnociência. Os ciborgues são “organismos cibernéticos”, nomeados em 1960 no contexto da corrida espacial, da guerra fria e das fantasias imperialistas do humanismo tecnológico construído em projetos políticos e de pesquisa. Eu tentei habitar criticamente os ciborgues; ou seja, nem celebrando, nem condenando, mas em um espírito de irônica apropriação para fins nunca imaginados pelos guerreiros espaciais. Ao contar uma estória de coabitação, coevolução e sociabilidade incorporada entre espécies, o presente manifesto responde qual das duas figuras em cascata juntas – ciborgues e espécies de companhia – pode informar de forma mais proveitosa políticas e ontologias habitáveis nos mundos de vida atuais. Estas figuras dificilmente são polos opostos. Ciborgues e espécies de companhia

trazem em seu ser o humano e o não-humano, o orgânico e o tecnológico, o carbono e o silício, a liberdade e a estrutura, a história e o mito, o rico e o pobre, o estado e o sujeito, a diversidade e o esgotamento, a modernidade e a pós-modernidade e a natureza e a cultura de formas inesperadas. Além disso, nenhum ciborgue, nenhum animal de companhia agradam os puros de coração que anseiam por melhores fronteiras entre as espécies protegidas e a esterilização dos desviantes das categorias. Não obstante, as diferenças entre mesmo o mais politicamente correto ciborgue e um cão comum importam.

Eu me apropriei dos ciborgues para fazer o trabalho feminista na era das Guerras nas Estrelas de Reagan na metade dos anos 1980. Até o final do milênio, os ciborgues não podiam mais fazer o trabalho de um adequado cão de pastoreio para reunir os tópicos necessários para a investigação crítica. Assim, eu vou feliz até os cães para explorar o surgimento do canil para ajudar as hábeis ferramentas para os estudos da ciência e da teoria feminista no tempo presente, quando Bushes de segunda ameaçam substituir o velho crescimento de naturezasculturas mais habitáveis na política do crédito de carbono de toda vida que se baseia em água sobre a Terra. Tendo usado as letras escarlates, “Ciborgues para a Sobrevivência Terrena!” o tempo suficiente, eu agora me estigmatizo com um slogan só para as mulheres de Schutzhund que os esportes de cães poderiam ter vindo acima, quando até mesmo um primeiro belisco pode resultar em uma sentença de morte: “Corra rápido; morda com força!”.

Esta é uma história de biopoder e biossocialidade, assim como de tecnociência. Como qualquer bom darwiniano, eu conto uma estória de evolução. No modo do milenarismo ácido (nucleico), eu narro um conto de diferenças moleculares, mas um menos enraizado na Eva Mitocondrial numa *Fora da África* neocolonial e mais enraizado naquelas primeiras putas caninas mitocondriais que ficaram no caminho do homem tornando-se novamente A Maior Estória Jamais Contada. Em vez disso, aquelas putas insistiam sobre a história das espécies de companhia, um tipo muito mundano e atual de conto, um cheio de mal-entendidos, realizações, crimes e esperanças renováveis. A minha é uma estória contada por uma estudante de ciências e uma feminista de certa geração que tinha ido para os cães, literalmente. Cães, em sua complexidade histórica, importam aqui. Os cães não são um alibi para outros temas; cães são presenças materiais semióticas carnis no corpo da tecnociência. Cães não são substituídos pela teoria; eles não estão apenas aqui para se pensar com eles. Eles estão aqui para vivermos com eles. Parceiros no crime da evolução humana, eles estão no jardim desde o início, astutos como o Coiote.

Preensões

Muitas versões das filosofias processuais me ajudaram a caminhar com meus cães neste manifesto. Por exemplo, Alfred North Whitehead descreveu “o concreto” como “uma concrecência de preensões”. Para ele, “o concreto” significa uma “ocasião real”. A realidade é um verbo ativo e os substantivos todos parecem ser gerúndios com mais apêndices do que um polvo. Através de seu alcance recíproco, através de suas “preensões” ou alcances, os seres constituem um ao outro e a eles mesmos. Os seres não pré-existem às suas relações. As “preensões” têm consequências. O mundo é um nó em movimento. O determinismo biológico e cultural são ambos instâncias da concretude deslocada – ou seja, o erro de, em primeiro lugar, tomando abstrações categóricas provisórias e locais como “natureza” e “cultura” pelo mundo e, em segundo lugar, confundindo potentes consequências como sendo fundações pré-existentes. Não existem sujeitos e objetos pré-constituídos e nenhuma fonte simples, atores unitários ou extremidades finais. Nos termos de Judith Butler, existem apenas “fundações contingentes;” corpos que cuja importância é o resultado. Um bestiário de agências, tipos de relacionamentos e pontuações de tempo superando as fantasias até mesmo dos cosmólogos mais barrocos. Para mim, isto é o que as *espécies de companhia* significam.

O meu amor por Whitehead está enraizado na biologia, mas ainda mais na prática da teoria feminista como eu a tenho experienciado. Esta teoria feminista, em sua negação do pensamento tipológico, dualismos binários e tanto relativismos quanto universalismos de muitos sabores, contribui com uma rica variedade de

abordagens para emergência, processo, historicidade, diferença, especificidade, co-habitação e contingência. Dezenas de escritoras feministas têm recusado tanto o relativismo quanto o universalismo. Sujeitos, objetos, tipos, raças, espécies, gêneros e sexos são os produtos de seus relacionamentos. Nenhuma parte deste trabalho é sobre encontrar mundos doces e agradáveis – “femininos” – e conhecimentos livres das devastações e produtividades de poder. Em vez disso, a investigação feminista é sobre o entendimento de como as coisas funcionam, quem está na ação, o que seria possível e como atores mundanos poderiam de alguma maneira serem responsáveis por e se amarem de forma menos violenta.

Por exemplo, ao estudar Iorubá – e inglês – falando em salas de aula de matemática do ensino fundamental na Nigéria pós-independente e participando em projetos de nativos australianos no ensino de matemática e política ambiental, Helen Verran identifica “ontologias emergentes”. Verran pergunta questões “simples”: Como podem pessoas enraizadas em diferentes práticas de conhecimento “manterem-se juntas”, especialmente quando um relativismo cultural muito fácil não é uma opção, quer politicamente, epistemologicamente ou moralmente? Como pode o conhecimento generalista ser nutrido em mundos pós-coloniais comprometidos em levar a sério a diferença? Respostas a estas questões só podem ser colocadas juntas em práticas emergentes; ou seja, no trabalho vulnerável e de superfície que coloca juntas agências não-harmônicas e modos de vida que são responsáveis tanto por suas histórias herdadas díspares quanto por seus futuros conjuntos apenas possíveis, mas absolutamente necessários. Para mim, isto é o que significa a *outridade significativa*.

Estudando práticas de reprodução assistida em San Diego e, então, ciência e política da conservação no Quênia, Charis (Cussins) Thompson sugeriu o termo “coreografias ontológicas.” A roteirização da dança do ser é mais do que uma metáfora; corpos, humanos e não-humanos, são desmontados e colocados juntos em processos que fazem da autoconvicção e da ideologia humanista ou organicista guias ruins para a ética e a política, muito menos para a experiência pessoal.

Finalmente, Marilyn Strathern, com base em décadas de estudo das histórias e políticas da Papua Nova Guiné, assim como sobre as suas investigações de hábitos de acertos de contas parentais ingleses, nos ensina porque as concepções de “natureza” ou “cultura” como quer oposições polares ou categorias universais é tolice. Uma etnógrafa de categorias relacionais, ela mostrou como pensar em outras topologias. Ao invés de opostos, obtemos todo o mapeamento do cérebro febril do geômetra moderno com o qual basear a relacionalidade. Strathern pensa em termos de “conexões parciais”; ou seja, padrões dentro dos quais os jogadores não são nem totalidades e nem partes. Eu chamo isto de relações de outridade significativa. Penso Strathern como uma etnógrafa de naturezaculturas; ela não se importaria se eu a convidasse para o canil para uma conversa interespecies.

Para as teóricas feministas, quem e o que está no mundo é precisamente o que está em jogo. Isso é uma isca filosófica muito promissora para a formação de todos nós para compreendermos as espécies de companhia no profundo tempo contado, que está quimicamente gravado no DNA de cada célula, quanto em feitos recentes, que deixam vestígios mais odoríferos. Em termos antiquados, *O Manifesto das Espécies de Companhia* é uma reivindicação de parentesco, uma tornada possível pela concrecência de preensões de muitas ocasiões reais. As espécies de companhia repousam em bases contingentes.

E como as produções de um jardineiro decadente que não consegue manter boas distinções entre naturezas e culturas hetero, a forma de minhas redes de parentesco parece mais como uma treliça ou uma esplanada do que uma árvore. Você não pode dizer a partir de baixo e tudo parece ir para o lado. Tal tráfico parecido com uma cobra e de ondulação lateral é um dos meus temas. Meu jardim está cheio de cobras, cheio de treliças, cheio de vias indiretas. Instruída por biólogos evolutivos de populações e bioantropólogos, eu sei o que é aquele fluxo gênico multidirecional – fluxos multidirecionais de corpos e valores – é e tem sempre sido o nome do jogo da vida sobre a Terra. É certamente o caminho para o canil. Qualquer outra coisa que os seres humanos e

os cães possam ilustrar, é isto que estes co-viajantes mamíferos de corpos grandes, distribuídos globalmente, ecologicamente oportunistas, gregariamente sociais, têm escrito em seus genomas um registro de acoplamentos e trocas infecciosas para definir os dentes mesmo do mais comprometido livre comerciante na fronteira. Mesmo nas Ilhas Galápagos da fantasia moderna do cão de raça pura – onde o esforço para isolar e fragmentar populações reprodutoras e esgotar o seu patrimônio de diversidade pode se parecer com os experimentos modelo para simular os desastres naturais de pontos de estrangulamento da população e doenças epidêmicas – a exuberância inquieta do fluxo gênico não pode ser silenciada. Impressionada por este tráfico, eu arrisco alienar o meu velho paranormal duplo, o ciborgue, a fim de tentar convencer os leitores de que os cães podem ser melhores guias através dos matagais das tecnobiopolíticas no Terceiro Milênio da Era Atual.

Companhias

Em “O Manifesto Ciborgue”, tentei escrever um acordo de substituição, um tropo, uma figura para se viver dentro e honrar as habilidades e práticas da tecnocultura contemporânea sem perder o toque com o aparelho de guerra permanente de um mundo não-opcional e pós-nuclear e suas mentiras transcendentais e muito materiais. Ciborgues podem ser figuras para serem vividas dentro de contradições, atenta às naturezaculturas das práticas mundanas, em oposição aos mitos terríveis de mortalidade de autoparturiente e compreender a mortalidade como a condição pela vida e alerta para os hibridismos históricos emergentes que realmente preenchem o mundo em todas as suas escalas contingentes.

No entanto, as reconfigurações ciborgue dificilmente exaurem o trabalho trópico exigido pela coreografia ontológica na tecnociência. Tenho visto ciborgues como os irmãos menores na família muito maior e queer das espécies de companhia em que as biotecnopolíticas reprodutivas são geralmente uma surpresa, algumas vezes mesmo uma bela surpresa. Eu sei que uma mulher branca de meia idade estadunidense com um cão brincando de esporte de agilidade não é páreo para os guerreiros autômatos, terroristas e seu parente transgênico nos anais de investigação filosófica ou da etnografia de naturezaculturas. Além disso, 1) auto-figuração não é minha tarefa; 2) transgênicos não são os inimigos; e 3) ao contrário de muito da projeção perigosa e anti-ética no mundo ocidental que transforma os caninos domésticos em crianças peludas, os cães não são sobre si mesmos. Na verdade, esta é a beleza dos cães. Eles não são uma projeção, nem a realização de uma intenção, nem o telos de nada. Eles são cães; ou seja, uma espécie em relacionamento obrigatório, constitutivo, histórico, protético com os seres humanos. O relacionamento não é especialmente agradável; ele está cheio de resíduos, crueldade, indiferença, ignorância e perda, assim como de alegria, invenção, trabalho, inteligência e recreação. Eu quero aprender como narrar esta co-história e como herdar as consequências da co-evolução na naturezacultura.

Não pode existir apenas uma espécie de companhia; tem de haver pelo menos duas para fazer uma. Isto está na sintaxe; isto está na carne. Cães são sobre a estória inescapável e contraditória de relacionamentos – relacionamentos co-constitutivos em que nenhum dos parceiros pré-existem à relação e ela nunca é feita de uma vez por todas. Especificidade histórica e mutabilidade contingente descartam todo o caminho, em natureza e cultura, dentro das naturezaculturas. Não há fundamento; existem apenas elefantes apoiando elefantes por todo o caminho.

Os animais de companhia compreendem apenas um tipo de espécie de companhia e nenhuma das categorias é muito antiga no inglês americano. No inglês estadunidense, o termo “animal de companhia” emergiu no trabalho médico e psicossociológico nas faculdades de veterinária e nos locais relacionados a partir da metade dos anos 1970. Esta pesquisa nos diz que, exceto aqueles poucos novaiorquinos que não gostam de cães que ficam obcecados com a merda de cães espalhada nas ruas, tendo os cães menores uma única pressão sanguínea e algumas chances de sobrevivência de infância, cirurgia e divórcio.

Certamente, referências nas línguas europeias aos animais servindo como companheiros, ao invés de cães para trabalho ou esporte, precederam esta literatura biomédica e tecnocientífica estadunidense por séculos. Além disso, na China, México, e em outras partes no mundo antigo ou contemporâneo, a evidência documental, arqueológica e oral de cães como animais de estimação, para além de uma miríade de outros trabalhos, é forte. Nas Américas ancestrais, os cães ajudavam no transporte, caça e pastoreio para vários povos. Para outros, os cães eram comida ou uma fonte de pelagem. Os donos de cães gostam de esquecer que os cães foram também armas e instrumentos guiados de terror na conquista europeia das Américas, assim como nas viagens imperiais de definição de paradigmas de Alexandre, o Grande. Com a história de combate no Vietnã como um oficial na marinha dos EUA, o criador de cães da raça Akita e escritor sobre cães John Cargill nos lembra que antes da guerra ciborgue, os cães treinados estavam entre os sistemas de armas mais inteligentes. E os cães farejadores aterrorizavam escravos e prisioneiros, assim como resgatavam crianças perdidas e vítimas de terremotos.

Listar estas funções não inicia a história heterogênea dos cães como símbolo e história por todo o mundo, nem a lista de trabalhos nos diz como os cães foram tratados ou como eles consideravam as suas associações com seres humanos. Em *A History of Dogs in the Early Americas* (Yale, 1997), Marion Schwartz escreve que alguns cães de caça dos indígenas americanos passavam por rituais semelhantes de preparação assim como seus parceiros humanos, incluindo entre os cães da raça Achuar da América do Sul a ingestão de alucinógenos. Em *In the Company of Animals* (Cambridge, 1986), James Serpell relata que para o Comanche das Grandes Planícies do século XIX, os cavalos eram de grande valor prático. Mas os cavalos eram tratados de uma forma utilitária, enquanto que os cães, mantidos como animais de estimação, mereciam boas histórias e os guerreiros lamentavam as suas mortes. Alguns cães foram e são vermes; alguns foram e são enterrados como pessoas. Os cães de pastoreio Navajos contemporâneos se relacionam com sua paisagem, ovelhas, pessoas, coiotes e cães ou seres humanos estranhos de formas historicamente específicas. Nas cidades, vilas e áreas rurais por todo o mundo, muitos cães vivem vidas paralelas entre as pessoas, mais ou menos tolerados, algumas vezes usados e algumas vezes abusados. Nenhum termo pode fazer justiça a esta história.

No entanto, o termo “animal de companhia” entrou na tecnocultura estadunidense através da concessão de terras do pós-guerra civil para a construção de prédios de medicina veterinária das instituições acadêmicas. Ou seja, os “animais de companhia” têm o pedigree do acasalamento entre o expertise tecnocientífico e as práticas de manutenção de bichos de estimação, com suas massas democráticas apaixonadas por seus parceiros domésticos ou pelo menos com aqueles não-humanos. Os animais de companhia podem ser cavalos, cães, gatos ou uma gama de outros seres dispostos a dar o salto na biossocialidade dos cães de serviço, membros familiares ou membros de equipe em esportes interespecíficos. De um modo geral, não se come um animal de companhia (nem se é comido por ele); e se tem um tempo difícil agitando atitudes colonialistas, etnocêntricas, a-históricas em relação àqueles que o fazem (comem ou são comidos).

Espécies

“Espécies de companhia” é uma categoria maior e mais heterogênea do que animais de companhia e não apenas porque se incluiria tais seres orgânicos como arroz, abelhas, tulipas e flora intestinal, todas as quais tornam a vida para os seres humanos o que ela é – e vice-versa. Eu quero escrever a palavra-chave de entrada para as “espécies de companhia” para insistir em quatro tons simultaneamente ressonantes na caixa de voz linguística e histórica que permite expressar este termo. Primeiro, como uma filha obediente de Darwin, insisto nos tons da história da biologia evolutiva, com suas categorias de populações, taxas de fluxo gênico, variação, seleção e espécies biológicas. Os debates nos últimos 150 anos sobre se a categoria “espécie” denota uma entidade biológica real ou simplesmente representa uma caixa taxonômica conveniente que ressoa os tons e os meio tons. Espécie é sobre um tipo biológico e é necessário conhecimento científico para este tipo de realidade. Pós-ciborgue, o que conta como tipo biológico perturba as categorias anteriores de organismo. O

maquínico e o textual são internos ao orgânico e vice-versa de formas irresistíveis.

Segundo, escolarizada por Tomás de Aquino e outros Aristotélicos, eu permaneço alerta às espécies como tipos e categorias filosóficas genéricas. Espécies são sobre a definição da diferença, enraizada em fugas de múltiplas sonoridades vocalizadas das doutrinas de causa.

Terceiro, minha alma indelevelmente marcada por uma formação católica, ouço nas espécies a doutrina da Presença Real sob ambas as espécies, pão e vinho, os sinais transsubstanciais da carne. Espécies são sobre a união corporal do material e semiótico em formas inaceitáveis às sensibilidades protestantes seculares da academia americana e a muitas versões da ciência humana da semiótica.

Quarto, convertida por Marx e Freud e uma otária para etimologias duvidosas, eu ouço na torpe espécie ganância, espécie, ouro, merda, sujeira e riqueza. Em *Love's Body*, Norman O. Brown me ensinou sobre a junção de Marx e Freud na merda e no ouro, nas fezes primitivas e no metal civilizado, na espécie. Eu conheci esta junção de novo na moderna cultura canina estadunidense, com sua exuberante cultura mercantil; suas práticas vibrantes de amor e desejo; suas estruturas que agregam o estado, a sociedade civil e o indivíduo liberal; suas tecnologias mestiças de fazer o sujeito e o objeto da raça pura. Conforme eu cubro a minha mão no filme plástico – cortesia dos impérios de pesquisa da química industrial – que protege o meu *New York Times* matinal para pegar o ecossistema microscópico, chamado de fezes, produzido de novo a cada dia pelos meus cães, acho meus cinzéis anais como se fossem piadas, colocando-me de volta nas histórias de encarnação, economia política, tecnociência e biologia.

Resumindo, “espécies de companhia” é sobre uma composição de quatro partes, em que co-constituição, finitude, impureza, historicidade e complexidade são o que são.

O Manifesto das Espécies de Companhia é, assim, sobre a implosão de natureza e cultura nas implacáveis e historicamente específicas vidas comuns de cães e pessoas que estão ligadas na outridade significativa. Muitas são interpeladas naquela história e o conto é instrutivo também para aqueles que tentam manter uma distância higiênica. Quero convencer os meus leitores que os habitantes da tecnocultura se tornam quem somos nos tecidos simbiogênicos das naturezaculturas, na história e no fato.

Aproveito a “interpelação” da teoria do pós-estruturalista e filósofo marxista Louis Althusser de como os sujeitos são constituídos a partir de indivíduos concretos sendo “saudados” através da ideologia em suas posições de sujeito no estado moderno. Hoje, através de nossas narrativas ideologicamente carregadas de suas vidas, os animais nos “saúdam” a explicar os regimes em que eles e nós devemos viver. Nós os “saudamos” em nossas construções de natureza e cultura, com consequências importantes de vida e morte, saúde e doença, longevidade e extinção. Também vivemos uns com os outros na carne de maneiras não esgotadas por nossas ideologias. Histórias são muito maiores do que ideologias. Esta é a nossa esperança.

Nesta longa introdução filosófica, estou violando uma regra importante das “Notas da Filha de um Escritor de Esportes,” meus rabiscos caninos em homenagem ao meu pai escritor de esportes, que apimentam este manifesto. As “Notas” exigem que não haja desvio das próprias histórias dos animais. As lições têm que ser inextricavelmente parte da história; é uma regra de verdade como um gênero para aqueles de nós – católicos praticantes e caducos e seus companheiros de viagem – que acreditam que o signo e a carne são um só.

Ao relatar os fatos, ao contar uma estória verdadeira, escrevo o “Notas de uma Filha de um Escritor de Esportes”. O trabalho de um escritor de esportes é, ou pelo menos era, relatar a história do jogo. Sei disso porque quando criança me sentava na sala de imprensa dos clubes de beisebol da categoria AAA no estádio dos Denver Bears’ tarde da noite vendo o meu pai escrever e arquivar as suas histórias de jogo. Um escritor de esporte, talvez mais do que outras pessoas que trabalham com notícias, tem um trabalho curioso – para dizer

o que aconteceu, girando uma história que é apenas de fatos. Quanto mais vívida a prosa, melhor; na verdade, se trabalhada fielmente, quanto mais potentes os tropos, mais verdadeira é a história. Meu pai não queria ter uma coluna de esportes, uma atividade de maior prestígio nos negócios dos jornais. Ele queria escrever as histórias dos jogos, para ficar próximo da ação, para dizer como ela é, não para olhar para os escândalos e os ângulos pela meta-história, a coluna. A fé de meu pai estava no jogo, onde fato e história co-habitavam.

Eu cresci no seio de duas grandes instituições que contrariam a crença modernista no divórcio sem culpa, baseada nas diferenças irrevogáveis, de história e fato. Ambas instituições – a Igreja e a Imprensa – são notoriamente corruptas, notoriamente desprezadas (se constantemente usadas) pela Ciência, e, no entanto, indispensáveis em cultivar a fome insaciável do povo pela verdade. Signo e carne; história e fato. Em minha casa natal, os parceiros geradores não podem se separar. Eles estão, em um linguajar chulo e sujo de cachorro, amarrados. Nenhuma cultura e natureza admirada implodiu para mim como um adulto. E em nenhum lugar a implosão teve mais força do que em viver o relacionamento e ao falar do verbo que passa como um substantivo: espécies de companhia. É isto o que John quer expressar quando ele diz, “O Mundo foi feito carne”? No fundo da nona vez, os Bears perderam em duas partidas, de três rodadas, duas fora e duas vencidas, com o tempo final para apresentar a história depois cinco minutos?

Eu também cresci na casa da Ciência e aprendi, por volta da época em que os mamilos dos meus seios surgiram, sobre quantas passagens subterrâneas existem conectando os Estados e quantos acoplamentos mantêm signo e carne, história e fato, juntos nos palácios do conhecimento positivo, hipóteses falsificáveis e teoria sintetizadora. Como a minha ciência foi a biologia, aprendi cedo aquelas narrativas sobre evolução, desenvolvimento, função celular, complexidade genômica, a moldagem da forma ao longo do tempo, ecologia do comportamento, sistemas de comunicação, cognição – em suma, relatando por qualquer coisa digna de nome da biologia – não era tão diferente de começar uma história de jogo apresentada ou vivida com os enigmas da encarnação. Para se fazer biologia com qualquer tipo de fidelidade, o praticante *deve* contar uma história, *deve* obter a verdade e *deve* ter um coração para ficar com fome pela verdade e abandonar uma história favorita, um fato favorito, demonstrando estar de algum modo fora da marca. Os praticantes devem também ter o coração para ficar com uma história através da grossa e fina, para herdar as suas ressonâncias discordantes, viver as suas contradições, quando esta história fica verdadeira sobre a vida é o que importa. Não é este tipo de fidelidade que fez a ciência da biologia evolutiva florescer e alimentar a minha fome corporal pessoal por conhecimento ao longo dos últimos cento e cinquenta anos?

Etmologicamente, os fatos se referem a desempenho, ação e obras feitas – façanhas, em suma. Um fato é um particípio passado, uma coisa feita sobre, fixada, mostrada, executada, realizada. Fatos fizeram o prazo para entrar na próxima edição do artigo. A ficção, etimologicamente, está muito próxima, mas difere por parte de discurso e tempo. Como os fatos, a ficção se refere à ação, mas a ficção é sobre a ação de modelar, formar, inventar, bem como fingimento ou simulação. Baseada no particípio presente, a ficção é um processo e ainda uma participação, não terminada, ainda propensa a cair em conflito com os fatos, mas também susceptível de mostrar algo que ainda não sabemos ser verdade, mas saberemos. Vivendo com animais, habitando suas/nossas histórias, tentando dizer a verdade sobre relacionamento, co-habitando uma história ativa: este é o trabalho das espécies de companhia, para as quais “a relação” é a menor unidade possível de análise.

Então, solicito as estórias de cães para se viver estes dias. Todas as estórias trafegam em tropos, ou seja, figuras de linguagem necessárias para dizer qualquer coisa. Tropo (do Grego: *tropós*) significa desviar ou tropeçar. Toda linguagem desvia e tropeça; nunca existe um significado direto; apenas o dogmático pensa que a comunicação livre de tropos é a nossa província. O meu tropo favorito é o dos contos de cães é o ‘metaplasmo’. Metaplasmo significa uma mudança em uma palavra, por exemplo ao adicionar, omitir, inverter ou transpor as suas letras, sílabas ou sons. O termo vem do grego *metaplasmos*, que significa remodelagem ou remodelação. Metaplasmo é um termo genérico para quase qualquer tipo de alteração na

palavra, intencional ou não intencional. Eu uso metaplasmo para significar a remodelagem da carne do cão e do ser humano, remodelando os códigos da vida, na história do relacionamento das espécies de companhia.

Compare e contraste “protoplasma”, “citoplasma”, “neoplasma” e “germoplasma”. Existe um gosto biológico para “metaplasma” – apenas o que eu gosto em palavras sobre palavras. Carne e significante, corpos e palavras, histórias e mundos: estes estão unidos em naturezaculturas. Metaplasma pode significar um erro, um tropeço, um tropo que faz uma diferença carnal. Por exemplo, uma substituição em uma cadeia de bases em um ácido nucleico pode ser um metaplasmo, mudando o significado de um gene e alterando o curso de uma vida. Ou, uma prática remodelada entre criadores de cães, tais como fazendo mais cruzamentos e menos linhas de cruzamentos próximas que podem resultar da mudança de significados de uma palavra como “população” ou “diversidade”. Invertendo significados; transpondo o corpo de comunicação; remoldagem, remodelagem; desvio que dizem a verdade: Eu conto histórias sobre histórias, por todo o caminho. Au-au.

Implicitamente, este manifesto é mais do que a relação de cães e pessoas. Cães e pessoas figuram um universo. Claramente, os ciborgues – com o seu congelamento histórico do maquínico e do orgânico nos códigos de informação, no qual as fronteiras são menos sobre a pele do que sobre densidades estatisticamente definidas de sinal e ruído – cabem dentro da taxa das espécies de companhia. Isto é, os ciborgues levantam todas as questões de histórias, políticas e éticas que os cães exigem. Cuidado, florescimento, diferenças de poder, escalas de tempo – estas importam para os ciborgues. Por exemplo, que tipo de construção de escala temporal pode moldar o sistema de trabalho, estratégias de investimento e padrões de consumo em que os períodos de geração de máquinas de informação se tornam compatíveis com os tempos de geração das comunidades humanas, animais e de plantas e ecossistemas? Qual é o tipo certo de cinzel anal para um computador ou um assistente digital pessoal? Pelo menos, sabemos que não é um depósito eletrônico no México ou na Índia, onde catadores humanos são remunerados com quase nada para processar os resíduos ecologicamente tóxicos dos bem informados.

Arte e engenharia são práticas irmãs naturais para se engajar com as espécies de companhia. Assim, os acoplamentos humano-paisagem cabem confortavelmente dentro da categoria das espécies de companhia, evocando todas as questões sobre as histórias e relacionamentos que soldam as almas dos cães e seus seres humanos. O escultor escocês Andrew Goldsworthy compreende isto bem. Escalas e fluxos de tempo através da carne de plantas, terra, mar, gelo e pedras consomem Goldsworthy. Para ele, a história da terra é vivente; e esta história é composta fora de relacionamentos polimórficos de pessoas, animais, solo, água e rochas. Ele trabalha em escalas de cristais de gelo esculpidas e entrelaçadas com galhos, cones de rocha em camadas do tamanho de um homem construídos nas zonas de ondulações entre-marés da costa e paredes de pedra através de longos trechos de campo. Ele tem um conhecimento de engenharia e artístico de forças como a gravidade e a fricção. Suas esculturas duram algumas vezes segundos, algumas vezes décadas; mas mortalidade e mudança nunca estão fora da consciência. Processos e dissoluções – e agências tanto humanas quanto não-humanas, assim como animadas e inanimadas – são seus parceiros e materiais, não apenas seus temas.

Nos anos 1990, Goldsworthy fez um trabalho chamado *Arch*. Ele e o escritor David Craig traçaram uma rota de ovelhas de antigos tropeiros a partir de pastagens escocesas até um mercado de uma cidade inglesa. Ao fotografar assim que partiram, eles montaram e desmontaram um arco de arenito vermelho auto-sustentável através dos lugares marcando o passado e o presente histórico de animais, pessoas e terra. As árvores e o caseiro desaparecidos, a história de recintos e crescentes mercados de lã, os laços tensos entre a Inglaterra e a Escócia ao longo de séculos, as condições de possibilidade do trabalho de cães pastores escoceses e pastores contratados, o comer e o andar das ovelhas até a tosa e o abate – estes são celebrados no arco de pedra em movimento amarrando junto geografia, história e história natural.

Figura 1. Na metade dos anos 1990, esta imagem de uma ovelha revertendo as desigualdades da vida ao encurralar nove cães pastores virou propaganda da Ciba-Geigy para divulgar seus vermícidias de ovelhas e

*vacas. Sujeito ao severo olhar e ao clique da câmara, o campeão de adestramento de cães pastores Thomas Longton permaneceu em sua fazenda Quernmore em Lancashire, pronto para encurralar seus cães talentosos. Mais tarde, sem a referência ao Combinex, mas com um moinho de vento holandês retocado pela paisagem, uma imagem de espelho da cena circulou amplamente na terra dos cães pela internet. Sem créditos ou informações identificáveis, a foto tinha o título sem graça, “Border Collie Hell.” Mesmo sem o realocado moinho de vento holandês, a fotografia sempre foi uma composição ciborgue. Para iniciantes, dois dos cães são repetições dos mesmos indivíduos, mas de ângulos diferentes; os jovens cães na parte traseira estão amarrados por fios invisíveis junto à cerca, a ovelha estava na cena através da sobreposição de outra fotografia. Em **O Manifesto das Espécies de Companhia**, o “Border Collie Hell” sinaliza as inversões irônicas incorporadas nas naturezaculturas. Animais, pessoas, paisagens, corporações e tecnologias estão todos na brincadeira. A fotografia também agrada àqueles que 1) gostaram do filme **Babe**, e 2) trabalham com outros cães de pastoreio diferentes dos Border Collies. Agradeço à Thomas Longton pelo folheto de anúncio e pela história. Agradeço também às redes de estudos da ciência, editoriais, corporativas e às pessoas do Border Collie que me ajudaram a rastrear todas as informações.*

O cão da raça Collie implícito no Arch de Goldsworthy está menos relacionado a “Lassie volta para casa” do que a “saída do caseiro”. Esta é uma condição de possibilidade do show de TV britânico imensamente popular do final do século XX sobre o trabalho brilhante de cães pastores, os Border Collies da Escócia. Moldada geneticamente para adestramento em competições desde o final do século XIX, esta raça tem feito desse evento esportivo justamente famoso em vários continentes. Esta é a mesma raça de cães que dominou o esporte de agilidade em minha vida. É também a raça que foi escolhida em um grande número de resgates realizados por voluntários dedicados ou mortos em abrigos de animais porque as pessoas que assistem a esses famosos programas de televisão sobre essa raça de cães talentosos querem comprar um no mercado de animais de estimação, que cresce rapidamente para atender à demanda. Os compradores impulsivos rapidamente encontram um cão sério ao qual não podem satisfazer com o trabalho que o Border Collie necessita. E onde está o trabalho dos pastores contratados e da ovelha produtora de comida e lã nesta história? De quantas maneiras herdamos na carne da história turbulenta do capitalismo moderno?

Como viver de forma ética nestes fluxos mortais e finitos que são sobre o relacionamento heterogêneo – e não sobre “o homem” – é uma questão implícita na arte de Goldsworthy. A arte dele está implacavelmente em sintonia com habitações humanas específicas da região, mas ela não é nem humanista e nem uma arte naturalista. É a arte de naturezaculturas. A relação é a menor unidade de análise e a relação é sobre a outridade significativa em cada escala. Esta é a ética, ou talvez melhor, o modo de atenção com o qual é preciso abordar a longa co-habitação de pessoas e cães.

Então, em *O Manifesto das Espécies de Companhia*, quero contar histórias sobre o relacionamento na outridade significativa, através das quais os parceiros vêm a ser quem somos na carne e no signo. As seguintes histórias desgredadas de cães sobre evolução, amor, treinamento e tipos ou raças me ajudam a pensar sobre viver bem junto com o hospedeiro das espécies com quem os seres humanos emergem sobre este planeta a cada escala de tempo, corpo, e espaço. Os relatos que ofereço são idiossincráticos e indicativos em vez de sistemáticos, tendenciosos mais do que judiciosos e enraizados em fundações contingentes ao invés de premissas claras e distintas. Cães são a minha história aqui, mas eles são apenas um jogador no amplo mundo das espécies de companhia. Partes não se somam a totalidades neste manifesto – ou na vida em naturezaculturas. Em vez disso, estou procurando pelas “conexões parciais” de Marilyn Strathern, que são sobre as geometrias contra-intuitivas e as traduções incongruentes necessárias para se começar juntas, onde os truques dos deuses da autosssegurança e comunhão imortal não são uma opção.

Histórias de Evolução

Todo mundo que eu conheço gosta de histórias sobre a origem dos cães. Estofadas com significado pelos seus

ávidos consumidores, estas histórias são a substância de alto romance e ciência sóbria, todos misturados juntos. Histórias das migrações e intercâmbios humanos, a natureza da tecnologia, os significados do selvagem e as relações entre colonizadores e colonizados inundam estas histórias. Questões como julgar se o meu cachorro me ama, triando escalas de inteligência entre animais e entre animais e humanos, e decidindo se seres humanos são os mestres ou se os enganados podem depender do resultado de um sóbrio relatório científico. Avaliando a decadência ou a progressividade dos cruzamentos, julgar se o comportamento canino é o resultado de genes ou da criação, decidindo entre as reivindicações dos antigos anatomistas e arqueólogos ou dos novos e desnecessários assistentes moleculares, estabelecendo as origens no Novo e Velho Mundo, descobrindo o ancestral de vira-latas como um nobre lobo de caça persistindo nas modernas espécies ameaçadas de extinção ou em um gari modelo espelhado em meros cães de rua procurando por uma ou muitas Evas caninas, sobrevivendo em seu DNA mitocondrial ou talvez um Adão canino através de seus legados no cromossomo Y – tudo isto e muito mais são compreendidos como estando no jogo.

No dia em que escrevi esta seção de *O Manifesto das Espécies de Companhia*, notícias se alastraram sobre as grandes redes desde a PBS até a CNN sobre três artigos na revista *Science* sobre a evolução dos cães e a história de sua domesticação. Em minutos, listas numerosas de e-mails na terra dos cães foram criadas com a discussão sobre as implicações da pesquisa. Endereços de sites atravessaram continentes trazendo as notícias para o mundo ciborgue, enquanto que o meramente alfabetizado seguia a história nos jornais diários de Nova Iorque, Tóquio, Paris ou Joanesburgo. O que está acontecendo neste consumo floreado de histórias científicas sobre origens e como podem estes relatos me ajudar a entender a relação contida nas espécies de companhia?

Explicações sobre a evolução dos primatas e especialmente dos hominídeos podem ser a arena de brigas de galo mais famosa nas ciências da vida contemporânea; mas o campo da evolução canina dificilmente está em falta nas impressionantes lutas de cães entre os cientistas humanos e os escritores populares. Nenhum relato do aparecimento dos cães sobre a Terra é incontestável e ninguém vai ser considerado inadequado por seus partidários. Tanto no mundo canino popular quanto no profissional, o que está em jogo é o duplo: 1) a relação entre o que conta como natureza e o que conta como cultura no discurso ocidental e seus familiares, e 2) a questão correlata de quem e o que conta como um ator. Estas coisas importam para a ação política, ética e emocional na tecnocultura. Um partidário no mundo das histórias e da evolução dos cães, procuro por formas de considerar a co-evolução e a co-constituição sem despojar a história de suas brutalidades assim como belezas multiformes.

Os cães foram os primeiros animais domesticados, deslocando os porcos para honras primais. Os tecnofílicos humanistas retratam a domesticação como o ato paradigmático do autonascimento masculino e de um genitor, pelo qual o homem se cria repetitivamente conforme ele inventa (cria) suas ferramentas. O animal doméstico é a ferramenta de mudança de época, percebendo a intenção humana na carne, numa versão de corpo canino do onanismo. O homem tomou o lobo (selvagem) e o transformou no cão (servil) e assim fez a civilização possível. Hegel e Freud miscigenados no canil? Deixe o cão para todas as espécies de plantas e animais domesticados, sujeito à intenção humana em histórias de progresso e destruição crescentes, de acordo com o gosto. Os seguidores da ecologia profunda adoram acreditar nestas histórias a fim de odiá-las em nome da Selvageria antes da Queda na Cultura, assim como os humanistas acreditam nelas a fim de se defender das invasões biológicas sobre a cultura.

Estes relatos convencionais têm sido totalmente remodelados nos últimos anos, quando o ato de distribuir tudo é o nome de todo o jogo, incluindo no canil. Apesar de eu saber que eles são modismos, eu gosto destas versões metaplásticas e remodeladas que dão aos cães (e a outras espécies) os primeiros movimentos na domesticação e então coreografa uma dança interminável de agências distribuídas e heterogêneas. Além de ser modismo, penso que as histórias mais novas têm uma chance melhor de serem verdade, e elas certamente tem uma melhor oportunidade de nos ensinar a prestar a atenção à outridade significativa como algo além de um

reflexo das intenções de alguém.

Estudos do DNA mitocondrial de cães como relógios moleculares têm indicado o surgimento dos cães muito antes do que previamente pensado como possível. Trabalho realizado pelo laboratório de Carles Villá e Robert Wayne em 1997 argumenta a divergência dos cães a partir dos lobos por volta de 150.000 anos atrás – ou seja, na origem do *Homo sapiens sapiens*. Esta data, não suportada pelas evidências fósseis e arqueológicas, deu lugar a estudos de DNA posteriores em algum lugar entre 50.000 e 15.000 anos atrás, com os cientistas favoráveis à data mais recente porque ela permite a síntese de todos os tipos disponíveis de evidência. Neste caso, parece que os cães emergiram primeiro em algum lugar no oriente da Ásia ao longo de um tempo bastante curto em distribuídos em ciclos de eventos e então se espalharam rapidamente por toda a Terra, indo onde quer que os seres humanos fossem.

Muitos intérpretes argumentam que o cenário mais provável tem lobos querendo ser cães, primeiro aproveitando da bonança calórica fornecida pelos depósitos de resíduos dos seres humanos. Pelo seu movimento oportunista, aqueles cães que emergiam seriam, de forma comportamental e em última análise, geneticamente adaptados para distâncias de tolerância reduzida, menos dispostos a se moverem saltitantes, tempo de desenvolvimento dos filhotes com janelas maiores para a socialização interespecie e ocupação paralela mais confiante de áreas também ocupadas por seres humanos perigosos. Estudos em pelos de raposas russas selecionadas ao longo de muitas gerações para a mansidão diferenciada mostram muitos dos traços morfológicos e de comportamento associados com a domesticação. Estas raposas podem modelar o surgimento de um tipo de proto “cão de rua”, geneticamente próximo aos lobos, como permanecem todos os cães, mas de modo comportamental bastante diferente e receptivo às tentativas humanas para aprofundar o processo de domesticação. Tanto pelo controle deliberado da reprodução dos cães (isto é, matando filhotes indesejados ou alimentando algumas cadelas e não outras) quanto pelas consequências não-intencionais, mas não obstantes potentes, os seres humanos podem ter contribuído para moldar os muitos tipos de cães que apareceram no começo da história. Os modos vida humanos mudaram de forma significativa em associação com os cães. Flexibilidade e oportunismo é o nome do jogo para ambas as espécies que moldaram uma à outra ao longo da história ainda em curso da co-evolução.

Acadêmicos usam versões desta história para questionar as profundas divisões de natureza e cultura a fim de moldar um discurso mais generativo pela tecnocultura. Darcy Morey, um paleobiólogo e arqueólogo de cães, acredita que a distinção entre seleção artificial e natural é vazia porque por todo o caminho da história é sobre a reprodução diferencial. Morey des-enfatiza as intenções e coloca em primeiro plano a ecologia do comportamento. Ed Russell, um historiador ambiental, historiador da tecnologia, e acadêmico nos estudos da ciência, argumenta que a evolução das raças de cães é um capítulo na história da biotecnologia. Ele enfatiza as agências humanas e relaciona os organismos como tecnologias de engenharia, mas de uma maneira que tem os cães ativos, assim como numa forma que evidencia a co-evolução em curso das culturas humanas e dos cães. O escritor científico Stephen Budiansky insiste que a domesticação em geral, incluindo a domesticação dos cães, é uma estratégia evolutiva bem sucedida que beneficia humanos e suas espécies associadas também. Exemplos podem ser multiplicados.

Estes relatos tomados em conjunto exigem a reavaliação dos significados de domesticação e co-evolução. A domesticação é um processo emergente de co-habitação, envolvendo agências de muitos tipos e histórias que não levam elas mesmas para ainda mais uma versão da Queda ou a nenhum resultado certo para ninguém. Co-habitar não significa frisar ou tocar com bastante frequência. As espécies de companhia não são parceiras de companheirismo prontas para as discussões anarquistas do Greenwich Village do início do século XX. O relacionamento é multiforme, em jogo, inacabado e consequente.

A co-evolução tem de ser definida de forma mais ampla do que os biólogos fazem habitualmente. Certamente, a adaptação mútua de morfologias visíveis tais como as estruturas sexuais das flores e dos órgãos de seus

insetos polinizadores são co-evolução. Mas é um erro ver as alterações dos corpos e das mentes dos cães como biológicas e as mudanças nos corpos e vidas humanas, por exemplo no surgimento do pastoreio e das sociedades agrícolas, como culturais, e não apenas co-evolutivas. Pelo menos, suspeito que os genomas humanos contenham um registro molecular considerável de patógenos de suas espécies de companhia, incluindo os cães. Os sistemas imunes não são uma pequena parte das naturezaculturas; eles determinam aonde os organismos, incluindo as pessoas, podem viver e com quem. A história da gripe é inimaginável sem o conceito de co-evolução de seres humanos, porcos, galinhas e viroses.

Mas a doença não pode ser toda a história biossocial. Alguns comentaristas pensam que mesmo algo tão fundamental quanto a capacidade biológica humana hipertrofiada da fala emergiu em consequência de associações do trabalho da condução de cães em aromas e alertas e assim liberando o rosto, garganta e cérebro humano para a conversa. Eu sou cética com relação a este relato; mas estou certa de que uma vez que reduzimos a nossa própria reação de luta ou desistência às emergentes naturezaculturas e paramos de ver apenas reducionismo biológico ou singularidade cultural, tanto pessoas quanto animais parecerão diferentes.

Estou animada pelas ideias recentes na biologia do desenvolvimento ecológico, ou “eco-devo” nos termos do biólogo do desenvolvimento e historiador da ciência Scott Gilbert. Os desencadeadores e relógios do desenvolvimento são os objetos-chave para esta jovem ciência tornada possível pelas novas técnicas moleculares e pelas fontes discursivas a partir de muitas disciplinas. As plasticidades diferenciais e de contexto específicas são a regra, algumas vezes geneticamente assimiladas e algumas vezes não. Como os organismos integram a informação ambiental e a genética em todos os níveis, do muito pequeno até o muito grande, determina o que eles se tornam. Não existe nenhum tempo ou lugar no qual a genética termina e o ambiente começa e o determinismo genético é, na melhor das hipóteses, uma palavra local para estreitas plasticidades do desenvolvimento ecológico.

O grande e amplo mundo é cheio de vida arrogante. Por exemplo, Margaret McFall-Ngai tem mostrado que os órgãos que emitem luz da lula *Euprymna scolopes* se desenvolve normalmente apenas se o embrião foi colonizado pela bactéria luminescente *Vibrio*. Similarmente, o tecido intestinal humano não pode se desenvolver normalmente sem a colonização pela sua flora bacteriana. A diversidade das formas animais da Terra emergiu na salgada sopa bacteriana dos oceanos. Todas as fases das histórias de vida dos animais em evolução tiveram que se adaptar às ansiosas bactérias, colonizando-as por dentro e por fora. Os padrões de desenvolvimento das formas complexas de vida provavelmente mostram a história destas adaptações, uma vez que os cientistas descubram como procurar pela evidência. Os seres da Terra são preênses, oportunistas, prontos para jugos parceiros improváveis em algo novo, algo simbiogenético. As espécies de companhia co-constitutivas e as de co-evolução são a regra, não a exceção. Estes argumentos são trópicos para o meu manifesto, mas a carne e a figura não estão muito distantes. Tropos são o que nos fazem querer olhar e necessitar ouvir pelas surpresas que nos tiram das caixas herdadas.

Histórias de Amor

Geralmente nos EUA, os cães são atribuídos pela capacidade para o “amor incondicional”. De acordo com esta crença, as pessoas, sobrecarregadas com desconhecimento, contradição e complexidade em suas relações com os outros seres humanos, encontram consolo no amor incondicional de seus cães. Por sua vez, as pessoas amam seus cães como crianças. Em minha opinião, ambas as crenças não estão apenas baseadas em erros, se não mentiras, mas também elas são em si mesmas abusivas – para os cães e para os seres humanos. Um olhar superficial mostra que cães e seres humanos sempre tiveram uma vasta gama de maneiras de se relacionarem. Mas mesmo entre o pessoal que mantém animais de estimação das culturas consumistas contemporâneas, ou talvez especialmente entre estas pessoas, a crença no “amor incondicional” é perniciosa. Se a ideia de que o homem se fez através da realização de suas intenções em suas ferramentas, tais como animais domésticos (cães) e computadores (ciborgues), é evidência de uma neurose que eu chamo de narcisismo tecnofílico

humanista, então a ideia superficialmente oposta de que os cães restauram as almas dos seres humanos pelo seu amor incondicional pode ser a neurose do narcisismo caninofílico. Porque acho precioso o amor dos e entre cães e seres humanos situados historicamente, importa ser dissidente do discurso do amor incondicional.

A obra-prima peculiar de J. R. Ackerley, *My Dog Tulip* (primeiro impresso de forma privada na Inglaterra em 1956), sobre o relacionamento entre o escritor e a sua cadela “Alsaciana” nos anos 1940 e 1950, me forneceu uma maneira de pensar através de minha dissidência. A história pisca na visão periférica do leitor desde o início desta grande história de amor. Após as duas guerras mundiais, em um destes exemplos minuciosos de negação e substituição que nos permite seguir as nossas vidas, o cão Pastor Alemão na Inglaterra era chamado de Alsatiano. Tulip (Queenie, na vida real) era o grande amor da vida de Ackerley. Um romancista importante, homossexual famoso e escritor esplêndido, Ackerley honrava este amor desde o início ao reconhecer sua tarefa impossível – saber, em primeiro lugar, de alguma forma a aprender o que *este* cão precisava e desejava e, em segundo lugar, mover o céu e a Terra para ter certeza que ela tinha gostado disso.

Em Tulip, resgatada de seu primeiro lar, Ackerley quase não teve o seu objeto de amor ideal. Ele também suspeitava que ele não era o ideal dela de ser amado. A saga que se seguiu não foi sobre o amor incondicional, mas sobre procurar habitar um mundo intersubjetivo que era sobre encontrar o outro em todos os detalhes carnis de uma relação mortal. Barbara Smuts, a bioantropóloga comportamental que escreve corajosamente sobre intersubjetividade e amizade com e entre animais, aprovaria. Sem ser um biólogo do comportamento, mas em sintonia com a sexologia de sua cultura, Ackerley comicamente e de forma comovente sai em busca de um parceiro sexual adequado para Tulip em seus cios periódicos.

A feminista ambiental holandesa Barbara Noske, que também chamou a nossa atenção para o escândalo do “complexo animal-industrial” de produção de carne, nos sugere a pensar os animais como “outros mundos” em um sentido de ciência ficcional. Em sua inabalável dedicação à outridade significativa de seu cão, Ackerley teria compreendido. Tulip importava, e isto mudava os dois. Ele também importava para ela, de maneira que só poderia ser lida com a passagem adequada a qualquer prática semiótica, linguística ou não. Os equívocos foram tão importantes quanto os momentos fugazes de fazer a coisa certa. A história de Ackerley era cheia de detalhes carnis e de produção de significados do amor mundano face a face. Receber amor incondicional a partir do outro é uma fantasia raramente desculpável como neurótica; se esforçar para cumprir as condições confusas de estar amando é outra questão. A busca permanente por conhecimento do outro íntimo e os erros cômicos inevitáveis e trágicos nesta busca, comandam o meu respeito, seja o outro um animal ou humano, ou na verdade, inanimado. O relacionamento de Ackerley com Tulip ganhou o nome de amor.

Figura 2. Marco Harding e Willem DeKooning Caudill, um Grande Pirineus de estimação do cruzamento de Linda Weisser. Foto do autor.

Tenho me beneficiado da orientação de vários experientes donos de cães. Estas pessoas usam a palavra amor com moderação, pois eles detestam como os cães são tidos como dependentes fofinhos e peludos parecidos com crianças. Por exemplo, Linda Weisser tem sido uma cruzadora por mais de trinta anos de cães de guarda de gado da raça Grandes Pirineus, uma ativista na área da saúde em cruzamentos e uma professora sobre todos os aspectos do cuidado, comportamento, história e bem estar destes cães. O sentido dela de responsabilidade com os cães e as pessoas que os tem é deslumbrante. Weisser enfatiza o amor de um *tipo* de cão, de uma raça e fala sobre o que é preciso ser feito se as pessoas se importam com estes cães como um todo, e não apenas sobre os seus próprios cães. Sem estremecer, ela recomenda matar um cão de resgate agressivo ou qualquer cão que tenha mordido uma criança; fazê-lo poderia significar salvar a reputação da raça e as vidas de outros cães, para não mencionar das crianças. O “cão em um todo” para ela é tanto um tipo quanto um indivíduo. Este amor a leva e também os outros com recursos típicos de classe média à autoeducação científica e médica, ação pública, orientação e grandes compromissos de tempo e recursos.

Weisser também fala sobre o “cão especial do coração dela” – uma cadela que viveu com ela por muitos anos e que ainda mexe com ela. Ela escreve num ácido lirismo sobre um cão atual que chegou à casa dela aos dezoito meses de idade e rosnou por três dias, mas que agora aceita cookies de sua neta de nove anos, permite as crianças tirar seus alimentos e brinquedos e de forma tolerante cuida das jovens cadelas do agregado familiar.

Eu amo esta cadela além das palavras. Ela é inteligente, ativa e alfa, e se um rosnado aqui e ali é o preço que eu pago por ela em minha vida, que seja assim (Lista de Discussão dos Grandes Pirineus, 29/09/02).

Weisser claramente valoriza estes sentimentos e estas relações. Ela é rápida em insistir que a raiz de seu amor é sobre

o profundo prazer, mesmo alegria, de compartilhar a vida com um ser diferente, um ser cujos pensamentos, sentimentos, reações e provavelmente necessidades de sobrevivência são diferentes das nossas. E, de alguma forma, para que todas as espécies nesta ‘banda’ prosperem, temos que aprender a compreender e respeitar estas coisas (Lista de Discussão dos Grandes Pirineus, 14/11/01).

Considerar o cão como uma criança peluda, mesmo que metaforicamente, rebaixa os cães e as crianças - e define as crianças para serem mordidas e os cães para serem mortos. Em 2001, Weisser tinha onze cães e cinco gatos na residência. Toda a vida adulta dela, ela tem possuído, criado e exibido cães; e ela criou três crianças humanas e realizou uma plena vida cívica e política como uma sutil feminista de esquerda. Compartilhar a linguagem humana com suas crianças, amigos e camaradas é insubstituível.

Embora os meus cães possam me amar (eu acho), eu nunca tive uma conversa política interessante com qualquer um deles. Por outro lado, embora as minhas crianças possam falar, eles perderam o verdadeiro sentido ‘animal’ que me permite tocar, ainda que de forma breve, o ‘ser’ de outras espécies tão diferentes da minha com toda a realidade inspiradora que me traz (Lista de Discussão dos Grandes Pirineus, 14/11/01).

Amar os cães da maneira de Weisser significa não ser incompatível com um relacionamento de animal de estimação; na verdade, as relações com animais de estimação podem e frequentemente criam este tipo de amor. Ser um animal de estimação parece-me ser um trabalho exigente para um cão, exigindo autocontrole, habilidades emocionais e cognitivas caninas combinando com aquelas de bons cães de trabalho. Muitos animais de estimação e seus donos merecem respeito. E mais, a brincadeira entre seres humanos e animais de estimação, assim como simplesmente passar o tempo pacificamente ao saírem juntos, traz alegria para todos os participantes. Certamente este é um significado importante das espécies de companhia. Não obstante, o status de animal de estimação coloca o cão em risco especial nas sociedades como a que vivo – o risco do abandono quando a afeição humana diminui, quando a conveniência das pessoas tem precedência ou quando os cães falham em corresponder a fantasia do amor incondicional.

Muitos dos donos de cães responsáveis que conheci fazendo a minha pesquisa enfatizaram a importância para os cães de funções que os deixem menos vulneráveis aos caprichos consumistas humanos. Weisser conhece muitos pecuaristas cujos cães de guarda são respeitados pelo trabalho que eles fazem. Alguns são amados e outros não, mas o seu valor não depende de uma economia do afeto. Em particular, o valor dos cães – e a vida – não dependem da percepção humana de que os cães os amam. Ao invés disso, os cães têm que fazer o seu trabalho e, como Weisser diz, o resto é balela.

Donald McCaig, o astuto escritor sobre os Border Collie e os cães pastores puxadores de trenós, concorda. Os seus romances, *Nop’s Hope* e *Nop’s Trial*, são uma soberba introdução às potentes relações entre

cães pastores de trabalho e seus donos. McCaig observa que cães pastores de trabalho, como uma categoria, caem em “algum lugar entre o ‘guardião’ e o ‘colega de trabalho’” (Lista de Discussão sobre Genética de Cães, 30/11/00). Uma consequência deste status é que o julgamento do cão pode, alguma vez, ser melhor do que o dos seres humanos sobre o trabalho. Respeito e confiança e não amor são as demandas críticas de uma boa relação de trabalho entre estes cães e os seres humanos. A vida do cão depende mais das habilidades – e de uma economia rural que não colapse – e menos sobre uma fantasia problemática.

Em seu zelo para evidenciar a necessidade de cruzamento, treino e trabalho para sustentar as preciosas habilidades de pastoreio da raça que ele melhor conhece e mais se preocupa, penso que McCaig algumas vezes desvaloriza e subdescreve tanto os relacionamentos dos cães quanto do esporte de performance na terra dos cães. Também suspeito que suas relações com seus cães podem ser corretamente chamadas de amor se esta palavra não for tão corrompida pela nossa infantilização cultural dos cães e a recusa em honrar a diferença. As naturezaculturas caninas precisam da insistência dele sobre o cão funcional preservado apenas pelas deliberadas práticas relacionadas ao trabalho, incluindo os cruzamentos e empregos economicamente viáveis. Precisamos do conhecimento de Weisser e McCaig do trabalho de um tipo de cão, o todo cão, a especificidade dos cães. Caso contrário, o amor mata, incondicionalmente, tanto os tipos quanto os indivíduos.

Histórias de Treinamento

A partir das “Notas da Filha de um Escritor de Esportes” :

*Marco, meu afilhado, é o deus criança de Cayenne; ela é o cão deusa dele. Somos um grupo fictício de parentes em treinamento. Talvez o brasão de armas da nossa família levaria o seu lema a partir da literatura, política e revista de artes canina de Berkeley que foi modelada após o **Barb**; nomeadamente, o **Bark**, cujo mastro lê “o cão é o meu copiloto”. Quando Cayenne tinha doze semanas de vida e Marco cinco anos, meu marido Rusten e eu demos a ele aulas de formação de filhotes para o Natal. Com Cayenne na sua casinha no carro, gostaria de pegar Marco da escola às terças, dirigir até o Burger King para um jantar saudável de hambúrgueres com base em um planeta sustentável, Coca-Cola e batatas fritas e em seguida dirigir até o Santa Cruz SPCA para nossa lição. Como muitos de sua raça, Cayenne era uma inteligente e disposta jovem, natural para o jogo de obediência. Como muitos de sua geração criados com efeitos especiais visuais em alta velocidade e ciborgues de brinquedo automatizados, Marco era um treinador brilhante e motivado, um natural para jogos de controle.*

Cayenne aprendeu rapidamente as pistas e então ela rapidamente colocou seu bumbum no chão em resposta a um comando de “sente-se”. Além disso, ela praticava em casa comigo. Em transe, Marco primeiro a tratou como se fosse um caminhão com um microchip implantado para o qual ele mantinha o controle remoto. Ele apertou um botão imaginário; sua cachorrinha magicamente cumpriu as intenções de sua vontade onipresente e remota. Deus estava ameaçando se tornar nosso copiloto. Eu, uma adulta obsessiva que alcancei a maioria nas comunas do final dos anos 1960, estava comprometida com ideais de intersubjetividade e mutualidade em todas as coisas, certamente incluindo o cão e o garoto treinador. A ilusão da atenção e comunicação mútua seria melhor que nada, mas eu realmente queria mais do que aquilo. Além disso, aqui eu era o único adulto presente em qualquer das espécies. A intersubjetividade não significa “igualdade”, um jogo literalmente mortal na terra dos cães; mas isso significa prestar atenção à dança conjunta da outridade significativa face a face. Além disso, extremamente controlada que eu sou, eu tenho que chamar a atenção, pelo menos nas noites das terças-feiras.

Marco estava ao mesmo tempo tendo aulas de karatê e ficou profundamente apaixonado pelo seu mestre. Este homem fino compreendeu o amor do drama, ritual e costume da criança, assim como a disciplina mental-espiritual-corporal de sua arte marcial. “Respeito” era a palavra e o ato que Marco em êxtase me disse sobre suas aulas. Ele desmaiou com a chance de coletar seu pequeno quimono dentro da

postura prescrita e como formalmente para seu mestre ou seu parceiro antes de desempenhar uma sequência marcial. Acalmando o seu turbulento self de primeiro grau e encontrando os olhos de seu professor ou seu parceiro em preparação para a ação mais exigente e estilizada que o emocionou. Eu ia deixar uma oportunidade como esta ser desperdiçada em minha busca das florescentes espécies de companhia?

“Marco”, eu disse, “Cayenne não é um caminhão ciborgue; ela é a sua parceira em uma arte marcial chamada de obediência. Você é o parceiro mais velho e o mestre aqui. Você tem aprendido como demonstrar respeito com o seu corpo e seus olhos. Seu trabalho é ensinar a forma à Cayenne. Até que você possa encontrar uma maneira de ensiná-la como domar o seu galopante self filhote de forma calma e ainda manter e olhar nos seus olhos, você não pode deixá-la desempenhar o comando de ‘sente-se’.” Não seria suficiente para ela apenas sentar na hora e para ele “clique e adestrar”. Isto seria necessário, certamente, mas a ordem estava errada. Primeiro, estes dois jovens tinham que aprender a perceber um ao outro. Eles tinham que estar no mesmo jogo. É minha crença que Marco começou a surgir como um treinador de cães ao longo das próximas seis semanas. É também minha crença que conforme ele aprendia a mostrar a ela a postura corporal de respeito interespecies, ela e ele se tornaram outros significantes entre si.

Dois anos depois do lado de fora da janela da cozinha, vislumbrei Marco no quintal fazendo dozes polos com Cayenne quando ninguém mais estava presente. As barras de adestramento são um dos objetos de agilidade mais difíceis de ensinar e de desempenhar. Penso que as barras de adestramento atestam a agilidade e beleza de Cayenne e Marco eram dignas de seu mestre de karatê.

Escravidão Positiva

Em 2002 a competidora de agilidade consumada e professora Susan Garret foi autora de um panfleto de treinamento amplamente aclamado intitulado *Ruff Love*, publicado pela companhia de orientação ao esporte de agilidade canino, Clean Run Productions. Informada pela teoria de aprendizado behaviorista e os métodos populares positivos de treinamento resultantes que se multiplicaram na terra dos cães nos últimos vinte anos, o folheto instrui qualquer dono de cães que quer um relacionamento de treinamento mais próximo e mais responsável com seu cão. Problemas como a não vinda do cão quando chamado ou a agressão inapropriada são certamente em vista; mas, mais, Garrett trabalha para inculcar atitudes informadas pela pesquisa biocomportamental e colocar ferramentas efetivas nas mãos de seus estudantes de agilidade. Ela objetiva mostrar como elaborar um relacionamento de atenção enérgica que seria compensadora para os cães e seres humanos. O entusiasmo não opcional, espontâneo e orientado é para ser a realização do cão anteriormente mais frouxo e distraído. Tenho o forte sentido de que Marco tem sido o sujeito de uma pedagogia similar em sua progressiva escola primária. As regras são simples em princípio e astuciosamente exigentes na prática; a saber, marque o comportamento desejado com um sinal instantâneo e, em seguida, receba uma recompensa entregue dentro da apropriada janela de tempo para a espécie em questão. O mantra do treinamento positivo popular, “clique e trate”, é apenas a ponta de um vasto pós-icebergue do “vigiar e punir”.

Enfaticamente, como a parte de trás do folheto proclama um cartoon de Garrett, positivo não significa permissão. De fato, eu nunca tinha lido um manual sobre treinamento de cães mais comprometido com o controle quase total nos interesses de cumprir as intenções humanas, neste caso, o desempenho máximo em um esporte exigente e competitivo entre duas espécies. Este tipo de desempenho pode apenas vir a partir de um time que está altamente motivado, que não trabalha sob compulsão, mas conhecendo a energia de cada um e confiando na honestidade e coerência de posturas direcionais e movimentos de resposta.

O método de Garret é exigente, filosoficamente e praticamente. O parceiro humano deve definir as coisas de modo que o cão enxergue o bípede desajeitado como a fonte de todas as coisas boas. As oportunidades para que o cão receba recompensas de qualquer outra forma devem ser eliminadas sempre que possível pela duração do programa de treinamento, tipicamente poucos meses. O romântico poderia vacilar em face dos

requisitos para manter o cão de alguém em uma caixa ou amarrado a si mesmo por uma trela frouxa. Proibidos ao vira-lata são os prazeres da folia à vontade com outros cães, correndo depois de um esquilo provocador ou subindo no sofá – a menos e até que tais prazeres sejam concedidos para a demonstração de autocontrole e responsividade aos comandos humanos com quase 100% de frequência. O humano deve manter registros detalhados da razão de respostas corretas *atuais* do cão para cada tarefa, ao invés de dizer contos sobre as alturas do gênio do próprio cão de alguém que certamente deve ter atingido. Um ser humano desonesto está em apuros no mundo do amor baseado no trunfo.

As compensações para o cão são legião. Aonde mais um cão pode contar em várias sessões focadas no treinamento por dia, cada uma projetada para que o cão não cometa erros, mas, em vez disso, seja recompensado pela entrega rápida de doces, brinquedos e liberdades, todas cuidadosamente calibradas para evocar e manter a motivação máxima a partir de um aluno particular e individualmente conhecido? Aonde mais na terra dos cães as práticas de treinamento levariam a um cão que tem aprendido a aprender e que ansiosamente oferece novos “comportamentos” que podem se tornar incorporados dentro dos esportes e rotinas de vida, ao invés de morosamente cumprir (ou não) com compulsões mal compreendidas? Garrett direciona o ser humano a fazer listas cuidadosas do que o cão realmente gosta; e ela instrui as pessoas a como brincar com suas companhias em uma maneira que *os cães* gostem, ao invés de prendê-los pelos lançamentos mecanicamente humanos de bola. Além de tudo isto, o humano deve realmente gostar de jogar de formas adequadas aos cães ou eles vão ser descobertos. Cada jogo no livro de Garrett pode ser orientado para construir o sucesso de acordo com os objetivos humanos, mas a menos que o jogo envolva o cão, ele é inútil.

Em suma, a maior demanda sobre o humano é precisamente o que muitos de nós nem se quer sabemos que não sabemos como fazer – a saber, como ver quem são os cães e escutar o que eles estão nos dizendo, não na abstração sem derramamento de sangue, mas no relacionamento um a um, na outridade-em-conexão.

Não há espaço para o romantismo sobre o coração selvagem do cão natural ou as ilusões da igualdade social através da classe Mammalia na prática e pedagogia de Garrett, mas existe um amplo espaço para a atenção disciplinada e a honesta realização. A violência psicológica e física não tem parte neste drama de treinamento; tecnologias de gestão comportamental têm um papel berrante. Eu tenho cometido erros de treinamento muito bem intencionados – alguns deles dolorosos para meus cães e alguns deles perigosos para as pessoas e outros cães, para não mencionar sem valor ao ser bem sucedido no esporte de agilidade – para prestar atenção a Garrett. As práticas cientificamente informadas e empiricamente fundamentadas importam; e a teoria do aprendizado não é uma hipocrisia vazia, mesmo se ela ainda for um discurso muito limitado e um instrumento grosseiro. Não obstante, eu sou o bastante de uma crítica cultural para ser incapaz de ainda as loucas ideologias do duro amor na América de alta pressão, orientada ao sucesso e individualista. Os princípios tayloristas do século XX de gestão científica e da ciência da gestão de pessoas da América corporativa têm encontrado uma caixa de segurança em torno do campo do esporte de agilidade pós-moderno. Eu sou o bastante de uma historiadora da ciência para ser incapaz de ignorar as reivindicações facilmente infladas, historicamente descontextualizadas e excessivamente generalizadas de método e expertise no discurso do treinamento positivo.

E ainda, eu empresto o meu exemplar bastante manuseado do *Ruff Love* aos amigos e eu mantenho o meu clicker adestrador de cães e o snack de fígado canino no meu bolso. Mais para o ponto, Garrett me faz confessar a capacidade impressionante que donos de cães como eu tem de mentir para si mesmos sobre as fantasias conflitantes que projetamos sobre nossos cães em nosso treinamento inconsistente e avaliações desonestas do que está acontecendo realmente. Sua pedagogia da escravidão positiva torna possível um tipo sério e historicamente específico de liberdade para cães; ou seja, a liberdade para viver de forma segura em ambientes multi-espécies, urbanos e suburbanos com muito pouca contenção física e nenhuma punição corporal quando começa a jogar um esporte exigente com toda a evidência de motivação autorrealizável. Na

terra dos cães, estou aprendendo o que os meus colegas professores dizem em seus seminários sobre liberdade e autoridade. Penso que meus cães um pouco como trunfo permanecem amorosos. Marco permanece mais cético.

Beleza Rude

Vicki Hearne – a famosa treinadora de animais de companhia, amante de cães caluniados como os American Staffordshire Terriers e os Airedales e filósofa da linguagem – é, a primeira vista, o oposto de Susan Garret. Hearne, que morreu em 2001, continua a ser um forte espinho na pata dos adeptos dos métodos positivos de treinamento. Para o horror de muitos treinadores profissionais e das pessoas comuns que gostam de cães, incluindo eu mesma, que tenham sido submetidos a uma conversão quase-religiosa a partir dos métodos de treinamento de cães do estilo militar Koehler, não é lembrado com carinho pelas correções como coleiras de junção e puxadas de ouvido, para que rapidamente fossem entregues bolinhos de fígado para a alegria canina sob o olhar de aprovação de teóricos de aprendizagem behavioristas, Hearne não se desviou do velho caminho e abraçou o novo. O seu desdém pelo treinamento com o clicker de adestramento poderia ser cauterizado, superado apenas pela sua feroz oposição ao discurso dos direitos dos animais. Eu me encolho de dor quando belisco o ouvido de minha cachorra durante minhas práticas de treinamento que acabei de descobrir e nos gloriamos na sua relação alfa das ideologias dos direitos dos animais. A coerência e poder da crítica de Hearne de tanto o clicker dedicado, no entanto, comandam o meu respeito e me alertam para um vínculo de parentesco. Hearne e Garrett são irmãs de sangue sob a pele.

A chave para esta estreita linha de cruzamento é a sua focada atenção ao que os cães estão lhes dizendo, e assim exigindo delas. De encanto surpreendente, essas teóricas assistem os cães, em toda esta complexidade e particularidade situada canina, como a demanda incondicional de sua prática relacional. Não há dúvidas de que os treinadores behavioristas e Hearne têm diferenças importantes sobre os métodos, algumas das quais podiam ser resolvidas pela pesquisa empírica e algumas das quais estão incorporadas no talento pessoal e no carisma inter-espécies ou nos conhecimentos tácitos incomensuráveis de diversas comunidades de prática. Algumas das diferenças também provavelmente residem na teimosia humana e no oportunismo canino. Mas o “método” não é o que mais importa entre as espécies de companhia; a “comunicação” através da diferença irreduzível é o que importa. A conexão parcial situada é o que importa; os cães e seres humanos resultantes emergem juntos neste jogo de cama de gato ou jogo do barbante. Respeito é o nome do jogo. Bons treinadores praticam a disciplina da relação das espécies de companhia sob o sinal da outridade significativa.

O livro melhor conhecido de Hearne sobre a comunicação entre os animais de companhia e os seres humanos, *Adam's Task* (Random House, 1982), está mal intitulado. O livro é sobre a conversa bidirecional, não sobre o ato de nomear. Adão tinha isso mais fácil em seu trabalho categórico. Ele não precisa se preocupar com a resposta malcriada; e Deus, não um cão, fez dele quem ele era, à Sua própria imagem, não menos. Para tornar as coisas mais difíceis, Hearne tem que se preocupar com a conversa quando a linguagem humana não é o meio, mas não por razões que muitos linguistas ou filósofos da linguagem dariam. Hearne gosta do uso da linguagem comum de treinadores em seu trabalho; este uso acaba por ser importante para compreender o que os cães poderiam estar lhes dizendo, mas não porque os cães são peludos falantes cujo idioma é o humanês. Ela firmemente defende muitos dos chamados antropomorfismos e ninguém mais eloquentemente faz o caso para as práticas linguísticas carregadas de intenção e de atribuição de consciência dos treinadores de circo, cavaleiros e entusiastas da obediência dos cães. Toda esta linguagem filosoficamente suspeita é necessária para manter os seres humanos alertas para o fato de que alguém está em casa baseando-se nos animais com os quais eles trabalham.

Apenas *quem* está em casa deve permanentemente estar em questão. O reconhecimento de que não se pode *conhecer* o outro ou a si mesmo, mas deve perguntar no que diz respeito por todo o tempo quem e o que está emergindo no relacionamento, é a chave. Que é assim para todos os verdadeiros amores, de qualquer

espécie. Os teólogos descrevem o poder da “forma negativa de conhecimento” de Deus. Porque “Quem/O Que É” é infinito, um ser finito, sem idolatria, pode apenas especificar o que não é; ou seja, não a projeção do seu próprio self. Outro nome para este tipo de conhecimento “negativo” é amor. Eu acredito que estas considerações teológicas são poderosas para se conhecer os cães, especialmente para entrar em um relacionamento, como o treinamento, digno do nome de amor.

Acredito que todo relacionamento ético, dentro ou entre espécies, é tricotado a partir do forte fio de seda do alerta permanente da outridade-na-relação. Nós não somos um, e o ser depende em permanecermos juntos. A obrigação é perguntar quem está presente e quem está emergindo. Sabemos a partir de pesquisas recentes que cães, mesmo filhotes criados em canis, são muito melhores do que geralmente os lobos mais brilhantes ou os chimpanzés parecidos com os seres humanos em responder a pistas visuais humanas, indexicais (indicação) e gravadas em um teste para encontrar comida. A sobrevivência dos cães no tempo das espécies ou individualmente de forma regular depende também de seus seres humanos intérpretes. Quisera que estivéssemos tão certos de que a maioria dos seres humanos responde melhor do que aleatoriamente se comparado ao que os cães lhes dizem. Numa frutífera contradição, Hearne pensa que os idiomas que atribuem intenção aos condutores de cães experientes podem evitar o tipo de antropomorfismo literalista que veem seres humanos peludos em corpos de animais e medem o seu valor em escalas de similaridade com os sujeitos humanistas de direitos dos peludos da filosofia ocidental e teoria política.

A resistência dela ao antropomorfismo literalista e o seu compromisso com a outridade-na-conexão significativa alimenta os argumentos de Hearne contra o discurso dos direitos dos animais. Dito de outra forma, ela está apaixonada pela realização interespecies que se tornou possível pela disciplina hierárquica de treinamento do animal de companhia. Hearne encontra a excelência em ação para ser bonita, difícil, específica e pessoal. Ela é contra as escalas abstratas de comparação das funções mentais ou de consciência que classificam os organismos em uma grande cadeia do ser modernista e atribuem privilégios ou tutela de acordo. Ela é especificidade.

O ultrajante equacionamento da matança de Judeus na Alemanha Nazista, o Holocausto, com os açougues do complexo animal-industrial, que ficou famoso pela personagem Elizabeth Costello no romance *The Lives of Animals* de J. M. Coetzee ou a equiparação das práticas de escravidão humana com a domesticação dos animais não fazem sentido no quadro de Hearne. As atrocidades, assim como as conquistas preciosas, merecem as suas próprias linguagens convincentes e respostas éticas, incluindo a atribuição de prioridade na prática. A emergência situada de mundos mais habitáveis depende desta sensibilidade diferencial. Hearne está apaixonada pela beleza da coreografia ontológica quando os cães e os seres humanos conversam com habilidade, face a face. Ela está convencida que esta é a coreografia da “felicidade animal”, título de outro de seus livros.

Em seu famoso artigo na revista *Harper's* em setembro de 1991 intitulado “*Horses, Hounds and Jeffersonian Happiness: What's Wrong with Animal Rights?*” (disponível on-line com um novo prólogo em www.dogtrainingarts.com), Hearne pergunta o que poderia ser a “felicidade do animal” de companhia. A resposta dela: a capacidade para a satisfação que vem do esforço, do trabalho e do cumprimento da possibilidade. Este tipo de felicidade expõe o que está dentro; ou seja, a partir do que Hearne diz, o que os treinadores de animais chamam de “talento”. Muito do talento dos animais de companhia só pode vir à fruição no trabalho *relacional* do treinamento. Seguindo Aristóteles, Hearne argumenta que esta felicidade é fundamentalmente sobre um compromisso ético do “fazê-lo direito”, para a satisfação da realização. Um cão e o adestrador descobrem a felicidade juntos no trabalho do treinamento. Este é um exemplo de naturezaculturas emergentes.

Este tipo de felicidade é sobre o anseio por excelência e ter a chance de tentar alcançá-la em termos reconhecíveis para os seres concretos, não para as abstrações categóricas. Nem todos os animais são iguais; a

sua especificidade – de tipo ou indivíduo – importa. A especificidade de sua felicidade importa, e isto é algo que tem de ser trazido para a emergência. A tradução de Hearne da felicidade Aristotélica e Jeffersoniana é sobre o florescimento humano-animal como seres mortais siameses. Se o humanismo convencional está morto nos mundos pós-ciborgue e pós-coloniais, o canidade Jeffersoniana pode ainda merecer uma audiência.

Trazendo Thomas Jefferson para o canil, Hearne acredita que a origem dos direitos está no relacionamento comprometido, não em identidades categóricas separadas e pré-existentes. Portanto, no treinamento, os cães obtêm os “direitos” em humanos específicos. No relacionamento, cães e seres humanos constroem “direitos” entre si, tal qual o direito de exigir respeito, atenção e resposta. Hearne descreve o esporte de obediência canina como um lugar para aumentar o poder do cão de reivindicar direitos contra o humano. Aprender a acatar honestamente a um cachorro é a difícil tarefa do proprietário. A sua linguagem permanece implacavelmente política e filosófica, Hearne afirma que ao educar os seus cães ela “emancipa” um relacionamento. A questão acaba por não ser o que são os direitos dos animais, como se eles existissem pré-formados para serem descobertos, mas como um ser humano pode entrar numa relação de direitos com um animal? Tais direitos, enraizados na possessão recíproca, vão ser difíceis de dissolver; e as demandas que eles fazem são de mudança de mundo para todos os parceiros.

Os argumentos de Hearne sobre a felicidade, possessão recíproca e o direito pela busca da felicidade dos animais de companhia estão muito longe da atribuição da “escravidão” ao estado de todos os animais domésticos, incluindo os “animais de estimação”. Ao invés disso, para ela os relacionamentos face a face das espécies de companhia tornam algo novo e possivelmente elegante; e esta coisa nova não é a tutela humana no lugar de propriedade, assim como também não são relações de propriedade como convencionalmente entendidas. Hearne vê não apenas os seres humanos, mas também os cães, como seres com uma capacidade espécie-específica para o entendimento moral e a solene realização. Possessão – propriedade – é sobre a reciprocidade e os direitos de acesso. Se eu tenho um cão, meu cão tem um humano; o que isto significa concretamente está em jogo. Hearne remodela as ideias de Jefferson de propriedade e felicidade mesmo que ela os traga para os mundos de rastreamento, caça, obediência e costumes domésticos.

O ideal de felicidade e direitos dos animais de Hearne está também muito longe do alívio do sofrimento como a principal obrigação humana com os animais. A obrigação humana com os animais de companhia é muito mais exigente do que isto, mesmo tão assustador quanto a crueldade em curso e a indiferença estão também neste domínio. A ética do florescimento descrita pela feminista ambientalista Chris Cuomo está próxima da abordagem de Hearne. Algo importante vem ao mundo na prática relacional do treinamento; todos os participantes são remodelados por ela. Hearne amou a linguagem sobre a linguagem; ela teria reconhecido o metaplasma por todo o caminho.

Aprendizado de Adestramento

De “Notas da Filha de um Escritor de Esportes”, *Outubro, 1999*:

Prezada Vicki Hearne,

Observando o meu cão Roland da raça Aussie-mix com você escondidos em minha lembrança na última semana me fez lembrar que tais coisas são multidimensionais e situacionais, e descrever o temperamento de um cão leva mais atenção do que eu tive. Vamos para uma praia com áreas específicas para cães e de falésias fechadas quase todos os dias. Existem duas classes principais de cão lá: os cães de caça e meta cães de caça. Roland é um meta cão de caça. Roland vai jogar bola com Rusten e eu de vez em quando (ou a qualquer momento em que estamos praticando algum esporte com um bolinho de fígado ou dois), mas seu coração não está nele. A atividade não é realmente autogratiificante para ele e a sua falta de estilo mostra isto. Mas o meta cão de caça é outra questão. Os cães de caça veem quem quer que esteja

prestes a atirar uma bola ou um bastão, como se as suas vidas dependessem dos próximos poucos segundos. Os meta cães de caça veem os cães de caça com uma sensibilidade apurada aos sinais direcionais e microssegundos da primavera. Estes meta cães não observam a bola ou o humano; eles observam os substitutos-ruminantes-nas-roupas-do-cão. Roland em meta modo se parece um Collie Aussie-Border escarnecido para uma lição no platonismo. Seus membros anteriores são reduzidos, pernas ligeiramente afastadas com uma em frente à outra num balanço extremamente sensível a qualquer provocação ou estímulo, seus olhos focados, todo o seu corpo pronto para entrar numa ação difícil e dirigida. Quando os cães de caça se desviam do projétil, os meta cães de caça movem-se para fora de seu intenso olhar e para perseguirem o alvo, cura, curva e corte das suas atribuições com alegria e habilidade. Os bons cães de caça meta podem até mesmo manipular mais de um cão de caça por vez. Os bons cães de caça podem se esquivar dos metas e ainda fazer as suas capturas em saltos incríveis de se ver – em surtos nas ondas, se as coisas tem ido para o mar.

Uma vez que não temos patos, ovelhas ou gados substitutos na praia, os cães de caça têm que fazer o dever para os metas. Alguns donos de cães de caça consideram exceção a esta multitarefa de seus cães (mal posso culpá-los), então para aqueles de nós com metas que tentam distrair os nossos cães de vez em quando com algum jogo que eles inevitavelmente acham muito menos satisfatório. Eu tracei um desenho mental de Larson na quinta-feira observando Roland, um velho e artrítico cão de caça “Old English Sheepdog”, um Aussie amável e tricolor e uma mistura de Collie Border com um cão pastor de laboratório formando um anel, uma pletora da manta de retalhos de Goldens e um ponteiro de jogo que girava em torno de um ser humano que – um individualista liberal na América até o fim - estava tentando lançar o seu bastão apenas para o seu cão.

Figura 3. Cayenne Pepper pulando através do obstáculo de pneu. Cortesia de Tien Tran Photography.

Correspondência com Gail Frazier, professor de adestramento, de 6 de maio de 2001:

Olá Gail,

Seus pupilos, Roland Dog e eu, obtivemos pontuação para sermos qualificados no Standard Notice deste final de semana na competição USDAA!

O nosso jogo intitulado Gamblers do início da manhã no sábado foi uma má aposta. Tivemos um píffio desempenho na Prova de Adestramento, que finalmente aconteceu às 6 e meia da tarde. Em nossa defesa, depois de se levantar às 4h da manhã depois de três horas de sono e estar bem para o treino em Hayward, tivemos a sorte de estar de pé lá, muito menos correndo e saltando. Tanto Roland quanto eu fizemos percursos de salto totalmente separados, não sendo o que o juiz havia prescrito. Mas nossas corridas oficiais no sábado e domingo foram ambos bem legais e um de nós ganhou uma faixa de primeiro lugar. A pata de Roland e meus ombros pareciam nascidos para dançarem juntos.

Cayenne e eu lideraremos no próximo sábado para a sua primeira prova divertida. Deseje-nos sorte. Existem muitas maneiras de destruir e queimar um percurso, mas até agora todas elas têm sido divertidas ou pelo menos instrutivas. Dissecando nossas respectivas corridas vespertinas de domingo em Hayward, um homem e eu estávamos rindo da arrogância cósmica da cultura estadunidense (neste caso, de nós mesmos), em que nós geralmente acreditamos que os erros tem causas e que nós podemos conhecê-las. Os deuses estão rindo.

A História do Jogo

Em parte inspirado pelos eventos de salto com cavalos, o esporte de adestramento de cães apareceu pela

primeira vez no show de cães de Crufts em Londres em fevereiro de 1978, como diversão durante o intervalo após o campeonato de obediência e antes do grupo de julgamento. Também no pedigree do adestramento está o treinamento de cães da polícia, que começou em Londres em 1946 e que usava obstáculos como a estrutura alta e inclinada em formato de “A” que as Forças Armadas já haviam adotado para o seu corpo de cães. As Provas de Trabalhos de Cães, uma exigente competição britânica que incluía barras de salto de três pés de altura, saltos de painel de seis pés de altura e saltos largos de nove pés, acrescentava uma terceira vertente na linhagem de adestramento. Para os jogos de adestramento iniciais, gangorras foram desmontadas de playgrounds infantis; e poços de ventilação de minas de carvão foram colocados na competição como túneis. Os homens – muitos “rapazes que trabalhavam dentro das minas de carvão e queriam um pouco de diversão com seus cães”, nas palavras do treinador de cães inglês e historiador de competições de adestramento John Rogerson – eram os entusiastas originais para estas atividades. Terrenos para competições e televisão, patrocinados pela *Pedigree Pet Foods*, assegurou que o gênero e classe humana seria como uma variável no esporte como a linhagem de seus equipamentos.

Imensamente popular na Inglaterra, a competição de adestramento se espalhou ao redor do mundo ainda mais rápido do que o tempo gasto para o adestramento de cães globalmente depois de sua domesticação. A Associação Estadunidense para as Competições de Adestramento de Cães (AECAC) foi fundada em 1986. Até 2000, o esporte de adestramento atraiu milhares de participantes dedicados em centenas de encontros ao redor do país. Tipicamente, um evento de final de semana atrai 300 ou mais cães e treinadores, e muitas equipes treinam mais de uma vez por mês e até semanalmente. A competição de adestramento floresceu em localidades como Europa, Canadá, América Latina, Austrália e Japão. O Brasil ganhou a Copa Mundial Fédération Cynologique Internationale em 2002. O evento da Grand Prix da AECAC é televisionado e seus vídeos são devorados por entusiastas de competições de adestramento por causa das novas acrobacias exibidas pelas equipes dos grandes treinadores e novos circuitos desenvolvidos por juízes desonestos. Os campos de treinamento ficam abertos no decorrer da semana com a participação de centenas de estudantes que trabalham com famosos treinadores-instrutores e são realizados em vários estados.

Evidenciado na lustrosa revista de esporte mensal *Clean Run*, a competição de adestramento está se tornando cada vez mais exigente tecnicamente. O trajeto é constituído por vinte ou mais obstáculos com saltos, obstáculos altos em forma de “A” com seis pés de altura, doze balizas dispostas em série, gangorras e túneis dispostos em padrões por juízes. Diferentes jogos – coisas chamadas como Snooker, Jogadores, Competição em Duplas e Saltadores com Balizas – envolvem diferentes configurações de obstáculos e regras e exigem diversas estratégias. Os jogadores veem os trajetos pela primeira vez no dia do evento e começam a caminhar através deles por cerca de dez minutos para planejar suas corridas. Os cães não veem o trajeto até que as provas sejam realmente executadas. Os seres humanos dão sinais com a voz e o corpo; os cães passam pelos obstáculos a uma velocidade na ordem designada. As pontuações dependem do tempo e da precisão. Uma corrida tipicamente leva um minuto ou menos e os eventos são decididos por frações de segundos. O esporte de adestramento depende da rápida contração de músculos, esqueletos e nervos! Dependendo da organização patrocinadora, as competições em dupla (treinador/cão) ocorrem de duas a oito vezes por dia. O reconhecimento dos padrões de obstáculos, o conhecimento dos movimentos, tarefas sobre obstáculos difíceis e a perfeição da coordenação e da comunicação entre o cão e o treinador são importantes para boas corridas.

A competição de adestramento pode ser cara: viagem, acampamento, ingressos e o treinamento facilmente chegam a 2.500 dólares por ano. Para serem boas, as equipes precisam praticar várias vezes por semana e estarem fisicamente aptas. O compromisso de tempo não é trivial para cães ou pessoas. Nos EUA, as mulheres brancas de meia idade e classe média dominam o esporte de forma numérica; os melhores jogadores reconhecidos internacionalmente são mais variados em gênero, cor e idade, mas provavelmente não em classe social. Todos os tipos de cães jogam e vencem, mas raças específicas – Border Collies, Shetland Sheepdogs e Jack Russel Terriers – sobressaem-se em suas categorias de altura para o salto. O esporte é estritamente

amador, pessoal e praticado por voluntários e participantes. Ann Leffler e Dair Gillespie, sociólogos em Utah que estudam (e praticam) o esporte, falam sobre o esporte de adestramento em termos de “ocupações apaixonadas” que problematizam a interface entre público/privado e trabalho/lazer. Trabalho para convencer meu pai escritor de esportes de que o esporte de adestramento deve deixar de lado o futebol e assumir o seu legítimo lugar na televisão com o tênis de classe mundial. Além do fato simples e pessoal da alegria no tempo e no trabalho com meus cães, porque eu me importaria? Na verdade, em um mundo cheio de tantas urgentes crises ecológicas e políticas urgentes, *como* eu posso me importar?

Figura 4: Roland pulando sobre uma barra de salto. Cortesia de Tien Tran Photography.

Amor, compromisso e desejo pela habilidade com o outro não são jogos de soma zero. Atos de amor como o treinamento no sentido de Vicki Hearne cruza atos de amor como se preocupar com e por outros mundos emergentes e concatenados. Este é o núcleo de meu manifesto das espécies de companhia. Eu experimento a competição de adestramento como um bem particular em si mesmo e também como um caminho para se tornar mais mundano; isto é, mais alerta às demandas da outridade significativa em todas as escalas que tornam mais exigentes os mundos habitáveis. O demônio aqui, como alhures, está nos detalhes. As ligações estão nos detalhes. Algum dia, escreverei um grande livro chamado, talvez *Birth of the Kennel* em homenagem a Foucault ou então *Notes of a Sports Writer's Daughter* em homenagem a outro de meus progenitores, para argumentar pela miríade de fios conectando cães com os muitos mundos que nós precisamos fazer florescer. Aqui, eu só posso sugerir. Para fazer isto, trabalharei tropicalmente ao apelar a três frases que Gail Frazier, meu professor de competição de adestramento, regularmente utiliza com seus estudantes: “você deixou o seu cão”; “seu cão não confia em você”; “confie em seu cão”.

Estas três frases nos retorna para a história de Marco, a escravidão positiva de Garret e a beleza agreste de Hearne. Um bom treinador de adestramento como eu, pode mostrar a seus estudantes exatamente aonde eles deixaram os seus cães e exatamente quais gestos, ações e atitudes bloqueiam a confiança. É tudo muito literal. Primeiro, os movimentos parecem pequenos, insignificantes; o tempo muito exigente, muito difícil; a consistência muito estrita, o professor muito restrito. Então, cão e humano descobrem, se apenas por um minuto, como chegarem juntos, como se moverem com pura alegria e habilidade ao longo de um trajeto difícil, como se comunicarem, como serem honestos. O objetivo é o paradoxo da espontaneidade disciplinada. Tanto o cão quanto o treinador têm que ser capazes de tomarem a iniciativa e responderem de forma obediente ao outro. A tarefa é se tornar coerente o suficiente em um mundo incoerente para se envolver em uma dança conjunta do ser que cruza o respeito e a resposta na carne, na corrida, sobre o trajeto. E então se lembrar como viver desta forma em cada escala, com todos os parceiros.

Histórias das Raças

Até agora este manifesto tem evidenciado dois tipos de escalas espaço-tempo co-constituídos por humanos, animais e agências inanimadas: 1) o tempo evolutivo ao nível do planeta Terra e suas espécies naturezaculturais e 2) o tempo face a face na escala dos corpos mortais e tempos de vida individuais. As histórias evolutivas tentam acalmar os meus medos políticos pessoais de reducionismo biológico e, com meu colega nos estudos da ciência, Bruno Latour, despertam a atenção nos empreendimentos muito mais animados das naturezaculturas. As histórias de amor e treinamento tentam honrar o mundo em seus detalhes irredutíveis e pessoais. A cada repetição, o meu manifesto trabalha fractalmente, re-inscrevendo formas similares de atenção, escuta e respeito.

É hora de emitir sons em outra escala, nomeadamente, o tempo histórico sobre a escala de décadas, séculos, populações, regiões e nações. Aqui, peço emprestado do trabalho de Katie King sobre o feminismo e as tecnologias escritas, no qual ela pergunta como reconhecer as formas emergentes de consciência, incluindo métodos de análise, implicados em processos de globalização. Ela escreve sobre agências distribuídas,

“camadas locais e globais” e futuros políticos ainda a serem realizados. Donos de cães precisam aprender como herdar histórias difíceis a fim de moldar futuros multi-espécies mais vitais. A atenção à complexidade em camadas e distribuída me ajuda a evitar tanto o determinismo pessimista quanto o idealismo romântico. A terra dos cães acaba por ser construída a partir de camadas locais e globais.

Preciso da antropóloga feminista Anna Tsing para pensar sobre o fazer da escala na terra dos cães. Ela questiona o que começa a contar como o “global” na ciranda financeira transnacional e na balança comercial na Indonésia contemporânea. Ela não viu entidades já pré-existentes nas formas e escalas das fronteiras, centros, locais ou globais, mas em vez disso “o fazer da escala” dos tipos de construções de mundo, em que reabrir o que parecia fechado permanece possível.

Finalmente, eu traduzo – literalmente, mais sobre terra dos cães – o entendimento de Neferti Tadiar da experiência como o trabalho histórico vivente, através do qual os sujeitos podem ser estruturalmente situados em sistemas de poder sem reduzi-los à matéria-prima para os Grandes Atores como o Capitalismo e Imperialismo. Ela pode me perdoar por incluir os cães entre aqueles sujeitos, e ela me daria a díade homem-cão ao menos provisoriamente. Vamos ver se ao contar histórias de dois tipos divergentes de cães – cães guardiães de gado (CGG) e pastores – e das raças institucionalizadas emergentes a partir daqueles tipos – Grandes Pirineus e Cães Pastores Alemães – assim como de cães de nenhuma raça ou tipo específico, pode ajudar a moldar uma eficaz consciência mundana em solidariedade com os meus camaradas feministas, antirracistas, queer e socialistas; ou seja, com a comunidade imaginada que só pode ser conhecida através do modo negativo de nomear, como todas as esperanças finais.

Nesse modo negativo, eu conto histórias negativas sem hesitar. Existe uma miríade de histórias de origem e comportamento sobre raças e tipos de cães, mas nem todas as narrativas nascem iguais. Meus mentores na terra dos cães me ensinaram as suas histórias das raças, que eu acho que honram tanto a lei quanto o documentário científico, a evidência oral, a experimental e a experiencial. As histórias seguintes são composições disso, interpelando-me em suas estruturas, mostram alguma coisa importante sobre as espécies companheiras vivendo nas naturezaculturas.

Grandes Pirineus

Os cães de guarda associados com os povos pastores de ovelhas ou cabras voltam milhares de anos e cobrem enormes extensões da África, Europa e Ásia. As migrações locais e de longo percurso de milhões de herbívoros, pastores, cães, de mercados e de pastagens de inverno e verão – a partir das montanhas Atlas do norte da África, cruzando Portugal e a Espanha, ao longo das montanhas Pirineus, através do sul da Europa, através da Turquia, pela Europa Ocidental, através da Eurásia e do Tibet e pelo deserto de Gobi, na China – têm literalmente esculpido profundas faixas de solo e rocha. Em seu importante livro, *Dogs* (Scribner, 2001), Raymond e Lorna Coppinger comparam estas faixas com a escultura das geleiras. Cães de guarda de gados regionais se desenvolveram em tipos distintos tanto na aparência quanto na atitude, mas a comunicação sexual sempre ligou populações adjacentes ou viajantes. Os cães que se desenvolveram em temperaturas mais frias, mais ao norte, são maiores do que aqueles que se desenvolveram nas ecologias mediterrâneas ou de deserto. Os espanhóis, ingleses e outros europeus trouxeram os seus cães guardiões de gado e do tipo de cães pastores de menor porte para as Américas naquela maciça troca de genes conhecida como a conquista. Tais populações interconectantes, mas muito longe de aleatoriamente misturadas, são os sonhos e pesadelos dos biólogos evolutivos e de genética de populações, dependendo daquela coisa difícil chamada história.

Os clubes de canis de cruzamento da segunda metade do século XIX intitulados CGGs (Cães Guardiões de Gado) com livros genealógicos inexplorados, derivados de uma variedade de indivíduos pesquisados a partir de tipos regionais, tais como o Cão Guardiã de Gado Pirineu na área basca da Espanha, os Grandes Pirineus nas regiões bascas da França e Espanha, a Maremma na Itália, os Kuvasz na Hungria, e os Cães Pastores

Anatolianos na Turquia. As controvérsias sobre a saúde genética e o significado funcional destas “ilhas” populacionais próximas chamadas de raças violentas na terra dos cães. Um clube de cruzamento é parcialmente análogo a uma associação de gestão de espécies ameaçadas de extinção, para o qual os gargalos populacionais e as interrupções dos sistemas de seleção natural e artificial genéticos passados exigem uma ação sustentada e organizada.

Tradicionalmente, os CGGs protegem os rebanhos de ursos, lobos, ladrões e cães estranhos. Os CGGs muitas vezes trabalham com cães pastores nos mesmos rebanhos, mas o trabalho dos cães é diferente e as suas interações limitadas. Regionalmente distintos, cães de pastoreio pequenos estavam por toda parte, incluindo hordas do tipo Collie sobre as quais vamos ouvir mais quando eu voltar ao assunto sobre os Cães Pastores Australianos. Pastores-camponeses em toda a enorme massa de terra e o intervalo de tempo das economias de pastoreio aplicaram eficazes padrões funcionais para os seus cães que afetaram diretamente a sobrevivência, as oportunidades de cruzamento e o tipo de miscigenação. As condições ecológicas também moldaram os cães e as ovelhas independentemente das intenções humanas. Entretanto, os cães empregando diferentes critérios, certamente exercitaram as suas próprias inclinações sexuais com seus vizinhos quando eles tiveram a chance.

Os cães de guarda não arrebanham ovelhas; eles as protegem de predadores, principalmente ao patrulhar as fronteiras latindo incessantemente para avisar sobre estranhos. Eles atacarão e mesmo matarão intrusos que insistirem, mas a sua capacidade de calibrar sua agressividade ao nível de ameaçar é lendária. Eles também aperfeiçoaram um repertório de latidos distintos para tipos e níveis de alerta. Cães de guarda de rebanhos tendem a ter baixo impulso de predação; e poucos de seus filhotes brincam de jogos que envolvem perseguição, esconde-esconde, liderança e mordidas. Se eles começam a brincar desta forma com rebanhos ou entre si, o pastor os dissuade. Aqueles que não dissuadem não ficam no *pool* gênico do CGG. Os CGGs trabalhadores mostram as cordas para os jovens, sem que, um ser humano estudioso deva ajudar um filhote solitário ou um cão mais velho a aprender a ser um bom guardião – ou, inversamente, de forma ignorante se define o neófito pelo fracasso.

Os cães guardiões de rebanhos tendem a ser péssimos cães de caça e as suas predileções biossociais e educação conspiram para ensurdecer a maioria dos cantos de sirena da mais alta competição de obediência. Mas eles são capazes de impressionantes tomadas independentes de decisão em uma complexa ecologia histórica. As histórias sobre os CGGs ajudando ovelhas a dar à luz e lambendo o cordeiro recém-nascido para limpá-lo, dramatiza a capacidade de ligação dos cães com suas responsabilidades. Um cão de guarda de rebanhos, como um Grande Pirineu, pode passar o dia descansando entre as ovelhas e à noite vigiar e alertar eficazmente sobre algum problema.

Os CGGs e os pastores tendem a aprender coisas com facilidade ou dificuldade diferencial. Nenhum tipo de cão pode realmente ser ensinado de suas funções principais e muito menos o trabalho de outro cão. O comportamento e as atitudes funcionais dos cães podem e devem ser direcionados e incentivados – treinados, neste sentido – mas um cão com pouca motivação em perseguir e recolher, além de não possuir nenhum interesse profundo em trabalhar com um ser humano, não pode ser evidenciado como um hábil cão de guarda. Pastores têm forte instinto de predação desde filhotes. Coreografados com pastores humanos e seus herbívoros, componentes controlados deste padrão de predação, menos matar e dissecar as partes, são precisamente o que é o pastoreio. Similarmente, um cão com pouca paixão por território, suspeita anêmica de intrusos e prazer obscuro no vínculo social não pode ser mostrado a partir do corte como pensar bem sobre estas coisas, mesmo com o maior clicker de adestramento do mundo.

Figura 5. *Mary Crane em Julho de 1967, no Great Pyrenees Club of America National Specialty Show, em Santa Barbara, Califórnia. O cão próximo a senhora Crane é Armand (Clube Los Pyrtos Armand of Pyr Oaks), que venceu a competição cão naquele dia. Próximo a ele estão as suas duas irmãs, Impy, que foi a cadela Reserve Winners, e Drifty, que ganhou o título Best of Opposite Sex. Linda Weisser é a jovem mulher*

com *Drifty*, que morreu sem descendentes. O “cão do meu coração” de Weisser, *Impy* tem descendentes em quase todos os canis da costa ocidental estadunidense. Através de um filho, Armand está atrás do armazém do rancho de trabalho de Catherine de la Cruz. Foto por cortesia de L. Weisser e C. de la Cruz.

Guardando rebanhos na Europa desde pelos menos os tempos romanos, os grandes e brancos cães de guarda apareceram nos registros da França ao longo dos séculos. Em 1885-86, os cães Pirineus de Montanha foram registrados pelo *Kennel Club*, em Londres. Em 1909, os primeiros Pirineus foram trazidos para a Inglaterra para cruzamento. Em sua monumental enciclopédia *Les races des chiens* de 1897, Conte Henri de Bylandt dedicou várias páginas para descrever os cães de guarda Pirineus. Formando clubes rivais em Lourdes e Argeles, em 1907, dois grupos de criadores franceses compraram cães da montanha que eles consideravam dignos e de “raça pura”. Somados à idealização romântica dos pastores-camponeses e seus animais característicos da modernização capitalista e da formação de classes que tornam estes modos de vida quase impossíveis, os discursos sobre o puro sangue e a nobreza assombram os cruzamentos modernos como os mortos-vivos.

A Primeira Guerra Mundial destruiu tanto os clubes franceses quanto muitos dos cães. Os cães de guarda de trabalho nas montanhas foram devastados pela guerra e depressão, mas eles já haviam perdido a maioria de seus empregos na virada do século XIX devido à extinção dos ursos e lobos. Os Pirineus se tornaram mais propensos a sair como cães de rua e serem vendidos aos turistas e colecionadores do que colocados para trabalhar como guardiões de rebanho. Em 1927, o diplomata, juiz de competições, criador de cães para cruzamento e nativo dos Pyrenees, Bernard Senac-Lagrange juntou os poucos criadores remanescentes para se encontrar na *Réunion des Amateurs de Chiens Pyreneans* e escrever a descrição que permanece como o fundamento para os padrões atuais.

Nos anos 1930, um grande arrebatamento de cães foi realizado por duas mulheres ricas, Mary Crane de Massachusetts (*Basquaerie Kennels*) e madame Jeanne Harper Trois Fontaine, nascida na Bélgica, mas casada na Inglaterra (*de Fontenay Kennel*), trouxeram muitos cães da França. O *American Kennel Club* reconheceu os Grandes Pirineus em 1933. A Segunda Guerra Mundial deu mais um impulso para exterminar o restante dos CGGs nos Pirineus e dizimou a maior parte dos canis registrados na França e do norte da Europa. Questionados sobre quão intimamente relacionados eles eram e qual foi a descendência deixada, os historiadores dos Pirineus tentaram descobrir quantos cães Mary Crane, madame Harper e alguns outros compraram, tanto de moradores quanto de criadores. Somente trinta cães, muitos relacionados entre si, contribuíram em qualquer forma contínua para o *pool* gênico dos Pirineus nos EUA. No final da Segunda Guerra Mundial, as únicas populações consideráveis de Pirineus no mundo estavam no Reino Unido e nos EUA, embora a raça mais tarde tenha se recuperado na França e no norte da Europa, com alguns intercâmbios entre os criadores de cães para cruzamento dos EUA e europeus. A perpetuação da raça foi em grande parte devida a entusiastas apaixonados de competições e criadores de cães para cruzamento. De 1931 quando Mary Crane começou a colecionar até os anos 1970, muito poucos Pirineus estadunidenses trabalharam como cães de guarda de rebanhos.

Isso mudou com as emergentes abordagens para o controle de predadores nos EUA ocidental no início dos anos 1970. Cães soltos matavam muitas ovelhas. Os coiotes também matavam o rebanho; e eles foram ferozmente envenenados em massa, presos e alvejados por fazendeiros. Catherine de la Cruz – que teve a sua primeira cadela Pireneu, Belle, em 1967 e foi orientada em Grande Pirineus por Ruth Rhoades, a “madre superiora” na raça na Califórnia que também ensinou Linda Weisser – vivia numa fazenda leiteira no condado de Sonoma. Esta cena de classe média da costa oeste marca importantes diferenças na cultura e futuro da raça Pireneu.

Em 1972, um cientista da Universidade da Califórnia telefonou para a mãe de la Cruz para conversar sobre as perdas de predadores. A universidade de pesquisa em agronegócios e o Departamento de Agricultura

dos EUA começaram a levar a sério métodos não tóxicos para o controle de predadores. Ativistas ambientais e pelos direitos dos animais fizeram suas vozes serem ouvidas na consciência pública e na política nacional, incluindo as restrições federais sobre o uso de venenos para matar predadores. A Belle de la Cruz saiu com as vacas leiteiras entre as competições de cães; aquele rancho nunca teve qualquer problema com predadores. De la Cruz relata que “a luz se acendeu em sua cabeça”. O *Great Pyrenees Standard* descreve os cães guardando rebanhos de ursos e lobos, embora esta fosse mais a narrativa simbólica de entusiastas de campeonatos do que as descrições que qualquer um deles tinha visto. Independentemente do que esta postura possa representar, o padrão escrito em uma raça institucionalizada é sobre o tipo ideal e a narrativa de origem. Em sua própria história de origem, de la Cruz conta que ela começou a pensar que os Pirineus que ela conhecia podiam ser capazes de guardar ovelhas e vacas de cães e coiotes.

De la Cruz deu alguns filhotes para os criadores de ovelha do norte da Califórnia que ela conhecia. A partir dessa região, ela e poucos outros criadores de cães para cruzamento, incluindo Weisser, colocaram os cães (incluindo alguns adultos) em ranchos e tentaram descobrir como ajudar os cães a se tornarem efetivos Cães de Controle de Predadores, como eram então chamados. A fazenda de gado leiteiro foi convertida num rancho de ovelhas e de la Cruz se tornou parte da associação de produtores de lã. No final da década de 1970, ela conheceu Margaret Hoffman, uma mulher participativa no grupo dos produtores de lã que queria cães para repelir os coiotes. Hoffman obteve um carro-trenó de la Cruz, cruzou mais cães, e colocou 100% deles em postos de trabalho. Em uma entrevista concedida a mim em Novembro de 2002, de la Cruz falou sobre “fazer todo erro possível”, experimentando com a socialização e o cuidado com cães trabalhadores, permanecendo em contato próximo com os fazendeiros e cooperando com Davis – Universidade da Califórnia e as pessoas do Departamento de Agricultura na pesquisa e localização.

Nos anos 1980, Linda Weisser e Evelyn Stuart, parte do *Great Pyrenees Club of America* organizaram uma comissão para revisar o padrão, tendo a certeza que os cães funcionais e trabalhadores foram destaque. Por volta dos anos 1980, de la Cruz, ainda mostrando cães em adaptação, estava colocando os Pirineus a trabalho em todo o país. Poucos cães vieram das pastagens, tinham os seus banhos, ganharam campeonatos, e foram diretos de volta para o trabalho. O “cão de dupla finalidade” se tornou um ideal moral e prático no cruzamento de Pirineus e no adestramento da raça. A orientação para atingir este ideal envolve todos os tipos de práticas de trabalho – e trabalho intensivo – incluindo a gestão de alta qualidade de listas de internet como a *Livestock Guardian Dog Discussion List* e o diretório da seção de tópicos da *Great Pyrenees Discussion List*. Especialistas leigos, trabalho voluntário e comunidades colaboradoras de prática são cruciais. Não menos, cada Pirineu adestrado nos EUA vem de um petshop e de uma competição que é prova histórica de mais de quatro décadas. As espécies de companhia e as naturezacas emergentes aparecem em toda a parte que olho.

Começando na metade dos anos 1970, primeiro Jeffrey Green e então também Roger Woodruff da *US Sheep Experiment Station* do Departamento de Agricultura dos EUA (DAEUA) em Dubois, Idaho, são atores-chave nesta história. Seu primeiro cão de guarda foi um Komondor (Hungria) e ele então trabalhou com Akbasg (Turquia) e os Pirineus. Os meus informantes de Pirineus discutem sobre estes homens com enorme respeito. Fazendeiros estimulam os cães de guarda, os homens do DAEUA solicitaram a ajuda dos criadores de cães para cruzamento e os trataram como colegas. Por exemplo, Woodruff e Green deram um seminário especial sobre os CGGs no *Great Pyrenees Club of America National Specialty* em Sacramento, em 1984. Outra parte da história da reemergência dos CGGs em atuação na América do Norte foi no início dos anos 1980 no estudo de Hal Black das práticas de ordenamento de ovelhas pelos Navajo com cães mestiços para coletar experiências para outros fazendeiros.

A reeducação dos fazendeiros era uma parte importante do projeto do DAEUA, e os criadores de Pirineus se envolveram energeticamente neste processo. Mergulhados nas ideologias de modernização das

universidades de base científica e de concessão de terras e no agronegócio, os fazendeiros tendiam a ver os cães como à moda antiga e os venenos comerciais como progressivos e lucrativos. Os cães não são uma solução rápida; eles exigem práticas laborais transformadas e investimentos de tempo e dinheiro. Convencer fazendeiros para efetuarem mudanças tem sido moderadamente bem sucedido.

Em 1987 e 1988, o projeto do DAEUA comprou cerca de 100 filhotes de cães de guarda ao redor dos EUA, muitos deles Pirineus. Os cientistas do DAEUA concordaram com a insistência sobre a esterilização e castração dos cães das pessoas do clube de cruzamento colocada através do projeto, que manteve, pelo menos, aqueles cães fora da produção industrial de filhotes e outras práticas de cruzamento que as pessoas do clube acreditavam perigosas para o bem estar e à saúde genética dos cães. Para reduzir o risco de displasia do quadril de cães trabalhadores, todos os progenitores dos filhotes tiveram os seus quadris radiografados. Por volta do final dos anos 1980, as pesquisas indicavam que cerca de 80% dos fazendeiros encontraram seus cães de guarda – especialmente os seus Great Pyrenees – como sendo um ativo econômico. Em 2002, alguns milhares de CGGs estiveram encarregados da proteção de ovelhas, lhamas, gados, cabras e avestruzes através dos EUA.

Raymond e Lorna Coppinger e seus associados no *New England Farm Center*, em Hampshire College, começaram com os cães Pastores Anatolianos trazidos da Turquia no final dos anos 1970, também fizeram pesquisa e colocaram centenas de CGGs nas fazendas e ranchos estadunidenses. Raymond Coppinger tem um PhD na tradição do legado etológico de Niko Tinbergen, da Universidade de Oxford e o Coppingers também tinham uma história importante em corrida de cães de trenó. Os Coppingers sempre estiveram mais aos olhos do público e melhor conhecidos pelos cientistas, com exceção daqueles diretamente envolvidos no trabalho CGG, que os criadores leigos a quem eu enfatizo em minha história. Os Coppingers discordam em muitos pontos da perspectiva dos cães de guarda mantidos pelos meus criadores de Pirineus. O projeto do Hampshire College não esteriliza os cães que eles criam. Acreditar que o ambiente social durante a maturação era a única variável crucial na formação de um efetivo guardião de rebanhos, eles geralmente não levavam à sério as distinções de raça. O projeto de Hampshire colocou jovens filhotes, ensinou uma visão diferente de desenvolvimento biossocial e preferências genético comportamentais e lidou com a tutoria de pessoas e cães de forma diferente.

A maioria dos donos de Pirineus não cooperaram com os Coppingers e animosidades começaram desde o início. Efetivamente, os Coppingers tinham pouco acesso aos Grandes Pirineus, onde a ética do clube de cruzamento era forte. Eu não posso avaliar as diferenças aqui e o leitor pode encontrar os pontos de vista dos Coppingers em *Dogs*. No entanto, neste livro, não existe menção aos criadores de Pirineus, incluindo o fato de que eles colocaram os cães de guarda de rebanhos e estiveram em cooperação com Jeff Green e Roger Woodruff desde o início. Os leitores também não vão aprender como eles podiam na publicação de 1990 do DAEUA, que na pesquisa de 1986 com 400 pessoas, envolvendo 763 cães, conduzida pela Universidade de Idaho, os Grandes Pirineus perfaziam 57% da população. Pirineus e Komodors, outra raça cujos donos não contribuíram com o Projeto Hampshire, representaram 75% dos CGGs no estudo. Este estudo e outros mostraram que os Pirineus tendem a ter as notas mais altas em qualquer cruzamento para o sucesso do trabalho. Isto inclui morder poucas pessoas e ferir menos rebanhos. Em um estudo de cães com um ano de idade envolvendo 59 Pirineus e 26 Cães Pastores Anatolinos, 83% dos Pirineus tiveram uma pontuação de “bom” comparado a 26% dos Anatolianos.

A introdução das economias de camponeses-pastores em expansão, dos cães da montanha Pirineus Bascos, que foram alimentados no anseio de cães de raça pura para os ranchos do oeste americano para proteger o gado e as ovelhas xenobiológicos dos fazendeiros Anglos sobre o habitat das pastagens (onde poucas gramíneas nativas sobrevivem) do búfalo uma vez que caçados pelos índios das planícies montados em cavalos espanhóis – juntamente com o estudo das culturas de pastores de ovelhas da reserva Navajo contemporânea derivada da

conquista e catequização espanholas – devem oferecer ironia histórica suficiente para o manifesto das espécies de companhia. Mas há mais: dois esforços para trazer de volta espécies de predadores extintos reabilitados a partir do status de vermes para vida selvagem natural e atração turística, um nas montanhas Pirineus e outro nos parques nacionais do oeste americano, nos levará ainda mais para a internet.

O *Endangered Species Act* nos EUA deu ao Departamento do Interior a jurisdição sobre a reintrodução do lobo cinza em regiões de sua linhagem anterior, tais como o Parque Nacional Yellowstone, onde quatorze lobos canadenses foram introduzidos em 1995 em meio às maiores populações de alces e búfalos do país. A migração de lobos canadenses começou a aparecer em Montana por sua própria vontade. Em 1995-96, mais de cinquenta e dois lobos foram introduzidos em Idaho e Wyoming. Cerca de 700 lobos vivem no norte das Montanhas Rocky em 2002. Em geral, os fazendeiros permanecem irreconciliáveis, mesmo que obtenham uma indenização monetária integral pelas perdas do estoque e os lobos que matam o rebanho serem removidos ou mortos pelo Serviço de Pesca e Vida Selvagem do Departamento do Interior. De acordo com o repórter do *New York Times*, Jim Robbins, de 17 de Dezembro de 2002 (pág. D3), 20 % dos lobos gerenciados de perto usam colares de monitoramento eletrônico. O número de coiotes está baixando; os lobos os matam. O número de alces está baixo. Isto faz os caçadores infelizes, mas agrada os ecologistas preocupados com os danos causados por herbívoros privados de seus predadores. Os turistas – e os estabelecimentos comerciais que os servem – estão muito felizes. Mais de 100.000 turistas avistadores de lobos foram registrados em safaris de carro no Vale Lamar, em Wyoming. Nenhum turista foi morto, mas os números nacionais em 2002 mostraram que 200 integrantes de rebanhos de gado, 500 ovelhas, 7 lhamas, 1 cavalo e 43 cães foram mortos. De quem eram aqueles 43 cães?

Alguns deles eram Grandes Pirineus mal preparados. O Departamento do Interior colocou lobos no Parque Nacional Yellowstone contra os desejos dos fazendeiros; sem coordenação com o Departamento de Agricultura dos criadores de CGGs, em Idaho; e, sem, suspeito, mesmo com imagens de conhecidos criadores de cães da raça Pirineu, que são também mulheres brancas de classe média que mostram seus lindos cães em adaptação. Os departamentos do Interior e da Agricultura são mundos à parte na cultura da tecnociência. Os lobos espalhados pelas fronteiras do parque. Lobos, rebanhos e cães foram todos mortos, talvez desnecessariamente. Os funcionários da vida selvagem mataram cerca de 125 lobos errantes; os fazendeiros tem ilegalmente alvejado pelo menos dezenas deles. Conservacionistas da vida selvagem, turistas, fazendeiros, burocratas e comunidades têm se polarizado, talvez desnecessariamente. Melhores relações de espécies companheiras precisam ser formadas ao redor, desde o início, entre os seres humanos e os não-humanos.

Os cães são sociais e territorialistas; lobos são sociais e territorialistas. Os CGGs experimentais em grupos estabelecidos grandes o suficiente são capazes de deter os lobos cinzentos do norte que comem gado. Mas trazendo os Pirineus à cena depois que os lobos se estabeleceram ou usar muito poucos ou inexperientes cães são receitas certas para o desastre tanto para as espécies caninas quanto para a vida selvagem e a ética na pecuária tecidas em conjunto. O grupo Defensores da Vida Selvagem tem comprado os Pirineus para os fazendeiros que tiveram perdas em seus rebanhos com os lobos; os lobos parecem ativamente atraídos e matam os cães como concorrentes invasores em seu habitat. As práticas que podem ter levado os lobos a respeitarem cães organizados não estavam em atividade; pode ser tarde demais para os CGGs serem atores efetivos nas florescentes alianças dos lobos e fazendeiros conservacionistas. Talvez os lobos controlem os coiotes enquanto os Pirineus são protegidos em abrigos durante a noite.

Entretanto, a ecologia da restauração tem seus sabores europeus. Nos Pirineus, o governo francês tem introduzido Ursos Marrons Europeus da Eslováquia, onde a indústria turística pós-comunista faz uma boa soma promovendo o avistamento de ursos, para preencher o nicho vazio deixado pela matança dos ursos residentes locais. Criadores franceses de Pirineus, tais como o criador de cabras e proprietário de canil Benoit Cockenpot of du Pic de Viscos, trabalha para obter os cães de volta nas montanhas dizendo que os ursos

eslovacos têm a ordem pós-moderna apropriada das coisas. Os criadores de Pirineus franceses estão aprendendo sobre como lidar com Pirineus a partir de seus colegas estadunidenses. O governo francês oferece aos fazendeiros um cão de guarda gratuito. Mas o seguro reembolsa os agricultores pela perda de animais causada por predadores, e isto está se tornando mais atraente do que o cuidado diário com os cães. Os cães de guarda têm um período de aprendizado longo levando-se em consideração o aparato atuarial que repele os ursos.

Longe da conservação multi-espécie e da política agrícola, os Pirineus nunca pararam com a sua destreza como cães de competição e animais de estimação. No entanto, a expansão numérica da raça tanto como trabalhadores quanto animais de estimação significou fuga considerável do controle do clube de cruzamento, muito menos o controle de uma economia pastoral-camponesa viável, nos infernos e limbos da produção comercial de filhotes e a criação caseira. Indiferença à saúde; ignorância de comportamento, socialização e treinamento; e condições cruéis são também frequentes. Dentro dos clubes de cruzamento, a controvérsia reina sobre o que constitui a reprodução responsável, especialmente quando os temas difíceis de digerir da diversidade genética e genética de populações nas raças puras de cães estão no cardápio. O uso excessivo de cães reprodutores populares, faz sigilo sobre os problemas dos cães, e o desejo pelos campeonatos de adestramento às custas de outros valores são práticas conhecidas para cães em perigo. Muitas pessoas ainda fazem isto. O amor dos cães proíbe isto e eu tenho encontrado muitos destes amantes em minha pesquisa. Estas são pessoas que jogam sujo e são conhecedoras de todos os mundos nos quais vivem os seus cães – em fazendas, laboratórios, campeonatos, lares e em outros lugares. Eu quero que o seu amor floresça; essa é uma razão pelo qual escrevo.

Pastores Australianos

A raça de pastoreio conhecida nos EUA como Pastores Australianos, ou Aussies, levanta tantas complexidades quanto os Grandes Pirineus; vou esboçar apenas algumas. A minha questão é simples: Conhecer e viver com estes cães significa herdar todas as condições de sua possibilidade, tudo o que faz para que o ato de se relacionar com estes seres seja real, todas as pressões que constituem as espécies companheiras. Amar significa ser mundano, estar em conexão com a outridade significativa e os outros significantes, em muitas escalas, em camadas de locais e globais, em teias ramificadas. Eu quero saber como viver com as histórias que eu venho a conhecer.

Figura 7. O Dogon Grit de Beret vencendo o High in Sheep em 2002 no Australian Shepherd Club of America National Stock Dog Finals em Bakersfield, Califórnia. Cortesia de Glo Photo e Gayle Oxford.

Se algo é certo sobre as origens dos Pastores Australianos é que ninguém sabe como o seu nome surgiu e ninguém conhece todos os tipos de cães vinculados à ancestralidade destes pastores talentosos. Talvez, o mais certo de tudo é que os cães deveriam ser chamados de Cães de Rancho do Oeste dos Estados Unidos. Não “Americanos”, mas “Estados Unidos”. Deixe-me explicar porque isto importa, especialmente desde que muitos (mas longe de tudo) dos ancestrais eram provavelmente variedades dos tipos Collie que imigraram com seus donos a partir das Ilhas Britânicas para a costa leste da América do Norte a partir do início dos tempos coloniais. A Corrida do Ouro na Califórnia e as consequências da Guerra Civil são as chaves para a minha história nacional regional. Estes eventos épicos fizeram o oeste americano parte dos Estados Unidos. Eu não quero herdar estas histórias violentas, conforme Cayenne, Roland e eu levamos nossos cursos sobre o esporte de adestramento e conduzimos nossos assuntos de oralidade; é por isto que eu tenho que contar a eles. As espécies companheiras não podem oferecer amnésia evolutiva, pessoal ou histórica. A amnésia corromperia o signo, a carne e amor mesquinamente. Se eu conto a história da Corrida do Ouro e da Guerra Civil, então, talvez eu pudesse lembrar as outras histórias sobre cães e seus donos – histórias sobre imigração, mundos indígenas, trabalho, esperança, amor, jogo e a possibilidade de co-habitação através de reconsiderar a soberania e as naturezaduras ecológicas em desenvolvimento.

As histórias de origens românticas sobre os Aussies têm pastores Bascos do final do século XIX e o início do século XX trazendo seus pequenos cães Melros azuis com eles na terceira classe conforme eles migravam, através da estada na Austrália conduzindo as ovelhas Merino da Espanha para os ranchos da Califórnia e Nevada para cuidar das ovelhas de um oeste pastoral intemporal. “Na terceira classe” dá-se o jogo como perdido; homens da classe trabalhadora na terceira classe não estavam em condições para trazerem os seus cães para a Austrália ou para a Califórnia. Além disso, os Bascos que imigraram da Austrália não se tornaram pastores, mas trabalhadores das plantações de cana de açúcar; e não desceram até o século XX. Não necessariamente pastores antes, os Bascos vieram para a Califórnia, algumas vezes via América do Sul e México, no século XIX com milhões de pessoas cobiçadas pelo ouro e que acabaram ordenhando ovelhas para alimentar outros mineiros decepcionados. Os Bascos também estabeleceram grandes restaurantes especializados em pratos de cordeiro, em Nevada que se tornou o polo central do sistema de estradas interestaduais depois da II Guerra Mundial. Os Bascos obtinham os seus cães de ovelha a partir de cães de pastoreio trabalhadores locais, que eram um lote misto, para se dizer o mínimo.

Os missionários espanhóis favoreceram a pecuária de caprinos para civilizar os índios, mas em sua versão on-line da história dos Aussie (www.glassportal.com/herding/shepherd.htm), Linda Rorem observa que por volta dos anos 1840, o número de ovelhas (para não mencionar de pessoas indígenas) no extremo oeste tinha diminuído muito. A descoberta de ouro mudou radical e permanentemente a economia alimentar, a política e a ecologia da região. Grandes rebanhos de ovelhas foram transportados de navio para serem vendidos na costa leste por volta de Horn, e conduzindo-os por terra a partir do meio oeste e o Novo México, e enviando-os a partir desta colônia branca “próxima” com uma economia pastoral colonial, a Austrália. Muitas destas ovelhas eram Merinos, tipicamente de origem espanhola, mas vindas para a Austrália através da Alemanha, como presentes do Rei da Espanha à Saxônia, que desenvolveu um próspero comércio de exportação colonial em caprinos.

Com o início da Corrida do Ouro e o rescaldo do fim da Guerra Civil, ocorreu o amplo influxo de colonos anglos (e alguns afroamericanos) para o oeste com a destruição militar, a contaminação dos indígenas americanos e a consolidação das terras expropriadas dos mexicanos, californianos e indígenas.

Todos estes movimentos de ovelhas também significaram movimentos de seus cães pastores. Estes não eram os cães guardiães das velhas economias pastorais eurásianas, com suas rotas de mercado estabelecidas, pastagens sazonais, ursos e lobos locais – que foram, não obstante, amplamente empobrecidas. As colônias de povoamento na Austrália e nos EUA adotaram uma atitude ainda mais agressiva aos predadores naturais – construindo cercas em torno de Queensland para manterem distantes os dingos e interceptar, envenenar e alvejar qualquer coisa que possuísse dentes caninos afiados e que se movesse sobre a terra no oeste dos EUA. Os cães de guarda não apareceram na economia caprina do oeste estadunidense até depois destas táticas se tornarem ilegais na época de movimentos ambientais efetivos.

Os cães pastores que acompanhavam as ovelhas imigrantes tanto da costa leste quanto da Austrália e eram principalmente dos velhos tipos Collie trabalhador / pastor. Estes eram cães fortes e polivalentes com um “olhar de ampla varredura” e uma honrada postura de trabalho – ao invés de com um olhar restrito e cabisbaixo - a partir dos quais derivam várias raças de canil. Entre os cães que foram para o oeste estadunidense a partir da Austrália estavam frequentemente os “Collies Alemães” Melros coloridos, que se parecem muito com os modernos Pastores Australianos. Estes eram “collies” oriundos da Grã-Bretanha e pastores para todos os fins, chamados de “alemães” porque colonos alemães viviam na área da Austrália onde estes cães eram comuns. Os cães que se pareciam com os Aussies contemporâneos poderiam ter obtido o seu nome por estarem associados a rebanhos chegando em barcos, se vinham ou não nestes barcos. Ou, associados com cães imigrantes posteriores, estes tipos podem ter começado a serem chamados de “Pastores Australianos” tão tarde quanto a I Guerra Mundial. Registros escritos são escassos. E não houve uma “raça

pura” em vista por um longo tempo.

Existem, no entanto, linhas identificáveis na Califórnia, Washington, Oregon, Colorado e Arizona, desenvolvidas por volta dos anos 1940 que se tornaram registradas como Pastores Australianos, começando em 1956. O registro não era comum até a metade ao final dos anos 1970. A gama de tipos ainda era ampla e os estilos de cães foram associados a famílias e ranchos específicos. Curiosamente, um artista de rodeio de Idaho chamado Jay Sisler é parte da história da moldagem de um tipo de cão em uma raça contemporânea, completa com seus clubes e políticas. Por vinte anos, os “cães azuis” de Sisler representaram um rodeio popular de mostra de truques. Ele conheceu os pais da maioria destes cães, mas que é tão profundo quanto a genealogia detectada no início. Sisler obteve os seus cães de vários fazendeiros, vários dos quais os Aussies se tornaram as matrizes da raça. Entre os 1371 cães identificados fora os 2046 ancestrais em sua árvore genealógica de dez gerações, eu conto sete cães Sisler na família de minha Cayenne. (muitos com nomes como “Cão avermelhado da fazenda” e “Cão Azul”, 6170 de mais de um milhão de antepassados são conhecidos em sua árvore de vinte gerações; que deixa algumas lacunas).

Um treinador incrível do tipo Vicki Hearne teria amado, Sisler considerada Keno, que por volta de 1945, foi considerado seu primeiro cão realmente bom. Keno contribuiu com a prole que se tornou a raça; mas o cão de Sisler que fez o maior impacto (ascendência percentual) para a população atual de Aussies foi John, um cão com antecedentes desconhecidos que andava um dia pelo racho Sisler e em pedigrees registrados. Existem muitas destas histórias de cães progenitores. Eles podiam todos ser microcosmos para um pensamento sobre as espécies companheiras e a invenção da tradição na carne, assim como no texto.

O clube de pais dos Aussie, o *Australian Shepherd Club of America* (ASCA), foi fundado em Tucson por um pequeno grupo de entusiastas em 1957. O ASCA escreveu um padrão preliminar em 1961 e outro mais efetivo em 1977 e obteve o seu próprio registro de clube de cruzamentos em 1971. Organizado em 1969, o *ASCA Stock Dog Committee* organizou provas e títulos de pastoreio; e os cães que trabalhavam em fazendas começaram a sua considerável reeducação para o circuito de julgamento. As competições de conformação e outros eventos se tornaram populares e números consideráveis de donos de Aussies viram a afiliação AKC como o próximo passo. Outros donos de Aussie viram o reconhecimento da AKC como o caminho para a ruína de qualquer pesquisa genealógica racial. As pessoas pró-AKC se separaram para fundar seu próprio clube, a *United States Australian Shepherd Association* (USASA), que obteve pleno reconhecimento pela AKC em 1993.

Todos os dispositivos biossociais de cruzamentos modernos emergiram – incluindo ativistas de saúde experientes, leigos e geneticistas, cientistas pesquisando doenças comuns no cruzamento e talvez estabelecendo companhias de comercialização dos produtos biomédicos veterinários resultantes, pequenos negócios Aussie-temáticos, artistas apaixonados por cães adestrados e obedientes, tanto de finais de semana suburbanos quanto cães protetores de celeiros em vigília, trabalhadores de pesquisa e resgate, cães de terapia e seus donos, cruzadores comprometidos em manter o cão versátil que herdaram, outros cruzadores apaixonados por grandes competições de adestramento com talento não testado para o pastoreio e muito mais. A C.A. Sharp, com sua mesa de cozinha produziu o *Double Helix Network News* e o *Australian Shepherd Health & Genetics Institute* que ela ajudou a fundar – para não mencionar a reflexão dela sobre suas próprias práticas como um cruzador e sua adoção de um bem pequeno cão de resgate Aussie depois da morte do último cão de seu raça – corporifica para mim a prática de amor de uma raça em sua complexidade histórica.

Os cruzadores de Cayenne, Gayle e Shannon Oxford no Vale Central da Califórnia, são ativos tanto no USASA quanto no ASCA. Comprometidos com o cruzamento e o treinamento de cães protetores de celeiros e também mostrando suas habilidades em configuração e agilidade, os Oxfords me ensinaram sobre “o versátil Aussie”, que vejo como análogo ao discurso do “duplo propósito” ou do “cão em um todo” dos donos de

Pirineus. Estes idiomas atuam para prevenir a divisão das raças em *pools* gênicos ainda mais isolados, cada qual dedicado a um objetivo limitado de especialistas, quer este seja em um esporte de adestramento, beleza ou algo mais. O teste do escudo rochoso de um Pastor Australiano, no entanto, permanece a capacidade de ordenhar com habilidade consumada. Se a “versatilidade” não começa neste momento, a raça trabalhadora não sobreviverá.

Uma Categoria de Si Próprio

Qualquer um que tenha feito pesquisa histórica sabe que o não documentado muitas vezes tem mais a dizer sobre como o mundo é do que o que já foi oficialmente registrado nos anais históricos da genealogia canina. O que nos diz as relações contemporâneas das espécies companheiras entre humanos e cães “não-registrados” na tecnocultura sobre as histórias herdadas – ou talvez melhor, de habitação – como também sobre o forjamento de novas possibilidades? Estes são os cães que precisam de “Uma Categoria de Si Mesmos”, em homenagem à Virginia Woolf. Autora do famoso tratado feminista, “*A Room of One’s Own*”, Woolf entendeu o que acontece quando o impuro passeia sobre os gramados dos devidamente registrados. Ela também compreendeu o que acontece quando estes seres evidenciados (e característicos) obtêm credenciais e uma renda.

Escândalos genéricos chamam a minha atenção, especialmente aqueles que escancaram o sexo racializado e a raça sexualizada para todas as espécies envolvidas. O que eu deveria chamar de cães categoricamente determinados, mesmo se fico apenas na América? Vira-latas, mestiços, Todo-Americanos, cães de raça aleatória, Heins 57, raças misturadas ou apenas cães de planície? E porque deveriam as categorias para cães na América estar em inglês? Não apenas “as Américas”, mas também os Estados Unidos é um mundo altamente poliglota. Acima, concentrei-me nos Grandes Pirineus e nos Pastores Australianos, tenho que sugerir enigmas de histórias locais e globais herdadas nas raças modernas por um par de histórias de cães de pelos desgrehados. Similarmente, aqui eu não posso começar a mergulhar nas histórias de todos os tipos de cães que não se encaixam nem na raça do tipo funcional e nem na institucionalizada. E assim por diante, eu vou oferecer apenas uma história, mas uma que se ramifica ainda em teias de complexidade mundana a cada recontagem. Vou contar sobre Satos.

“Sato” é uma gíria em Porto Rico para um cão de rua. Aprendi este fato em dois locais: na Internet em www.saveasato.org e através da atuação de Twig Mowatt no ensaio de outono de 2002 da brilhante revista sobre cultura de cães *Bark*. Ambos os registros me levaram em cheio nas naturezaculturas do que é chamado educadamente “modernização”. “Sato” é apenas sobre a única palavra em espanhol que aprendi na internet; que me levou na direção do tráfico semiótico e material nesta zona da terra dos cães. Eu também descobri que Satos são capitalizados, na convenção lexical e no investimento monetário, no processo de se moverem das inóspitas ruas do “mundo em desenvolvimento” do sul para os “lares sempre iluminados” do Norte.

Também de grande importância, aprendi que estou interpelada nesta história pela mente e pelo coração. Não posso renegá-la por chamar a atenção a seus tons e estruturas racialmente tingidos, sexualmente infundidos, estamentos saturados, coloniais e estruturados. Repetidamente em meu manifesto, eu e minha gente precisamos aprender a habitar histórias, não renegá-las, muito menos através dos truques baratos da crítica puritana. Na história de Sato, existem dois tipos de tentações superficialmente opostas para a crítica puritana. A primeira é se saciar no sentimentalismo colonialista que vê apenas o resgate filantrópico (filocanídico?) do abuso no tráfico de cães nas ruas de Porto Rico para os abrigos seguros de animais nos Estados Unidos e de lá para os próprios lares. A segunda é se saciar nas análises históricas estruturais em uma forma que nega tanto as ligações emocionais quanto a complexidade material e assim evita a participação sempre confusa na ação que pode melhorar as vidas através de muitos tipos de diferença.

Cerca de 10.000 cães de Porto Rico tem feito a transição da vida de rua para lares suburbanos desde 1996 quando a funcionária de companhia aérea Chantal Robles de San Juan se uniu à Karen Fehrenbach, ao visitar

a ilha a partir de Arkansas, para inaugurar a Fundação Salve um Sato. Os fatos que as levaram à ação são alarmantes. Milhões de cães férteis, frequentemente doentes e com fome, vasculham as ruas em busca de comida e abrigo em bairros pobres de Porto Rico, áreas de construção, depósitos de lixo, postos de gasolina, estacionamento de fast foods e zonas de venda de drogas. Os cães são rurais e urbanos, grandes e pequenos, reconhecidamente a partir de uma raça institucionalizada e também vira-latas. Eles são na maioria jovens – cães ferozes não tendem a ficarem muito velhos; e existem muitos filhotes, tanto abandonados pelas pessoas quanto nascidos de cadelas de rua. Abrigos oficiais para animais em Porto Rico na maioria matam os cães e gatos capturados e recolhidos em suas diligências. Algumas vezes estes cães abatidos são adotados e cuidados; mas eles vivem de forma irregular, vulneráveis a denúncias e a ação oficial. As condições nos abrigos municipais são a substância de um show de horror aos direitos dos animais.

Muitos cães de todos os tipos em Porto Rico são, claro, bem tratados. Os pobres, assim como os ricos, apreciam os animais. Mas se uma pessoa abandona um cão, então eles são muito mais propensos a deixarem o cão solto do que trazê-lo para um “abrigo” subsidiado e mal equipado que com certeza acabará matando os animais. Além disso, a ética do bem-estar animal de esterilização de cães e gatos baseada em classe, nação e cultura não está generalizada em Porto Rico (ou em boa parte da Europa e de muitos outros lugares nos EUA). A esterilização obrigatória e o controle reprodutivo têm uma história muito inexpressiva em Porto Rico, mesmo quando se restringe a memória histórica para se policiar as espécies não-humanas. No mínimo, a noção de que o único cão apropriado é um cão estéril – exceto para aqueles sob o cuidado de criadores responsáveis (na perspectiva de quem?) – nos faz colidir com o mundo do biopoder e seus aparatos tecnoculturais na metrópole e nas colônias. Porto Rico é tanto uma metrópole quanto uma colônia.

Nada disso elimina o fato de que cães ferozes férteis se acasalem, tenham muitos filhotes que eles não podem alimentar, e morram de doenças terríveis em situações agonizantes em larga escala. Isto não é apenas uma narrativa. Para piorar a situação, Porto Rico não está mais livre do que os Estados Unidos de pessoas danosas e abusivas de todas as classes sociais que infligem terríveis lesões mentais e físicas sobre os animais, tanto deliberadamente quanto de forma indiferente. Os cães de rua, como os indigentes, são o jogo justo – ou talvez melhor, alvo livre - nas zonas de livre comércio.

As medidas tomadas por Robles, Fehrenbach e seus apoiadores são, para mim, tão inspiradoras quanto perturbadoras. Eles estabeleceram e conduzem um abrigo privado em San Juan que funciona como uma casa de passagem para cães a caminho principalmente de adoção internacional. (Mas Porto Rico é parte dos Estados Unidos, ou não é?) A demanda em Porto Rico por estes cães é pequena; não é um fato natural, mas sim biopolítico. Qualquer um que tenha refletido sobre a adoção internacional de seres humanos sabe disso. A Fundação Salve um Sato levanta dinheiro, treina voluntários para levar os cães (e alguns gatos) para o abrigo sem traumatizá-los mais, organiza os veterinários porto-riquenhos que tratam e esterilizam os animais gratuitamente, socializa os futuros adotados em maneiras apropriadas para o norte, prepara artigos para eles e negocia com as companhias aéreas para transportar cerca de trinta cães por semana em voos comerciais para uma rede de abrigos seguros em vários estados, a maioria no nordeste. Depois do ataque terrorista de 11 de setembro, turistas que embarcam em voos de San Juan são recrutados para reivindicar suas caixas de transporte de cães imigrantes como sua bagagem pessoal de modo que o aparato anti-terrorista não feche o ciclo de auxílio.

A Fundação mantém um website em inglês para informar o seu potencial público de pessoas adotantes e ligar grupos de apoio às pessoas que adotam os cães, no idioma do website, seus “famílias para sempre”. O website é cheio de relatos de adoções bem sucedidas, histórias de horror na pré-adoção, fotos do tipo “antes e depois”, convites para tomar medidas e contribuir financeiramente, informação para encontrar um Sato para adoção, e links úteis para a cibercultura da terra dos cães.

Uma pessoa em Porto Rico pode se tornar um membro da Fundação Salve um Sato ao resgatar um mínimo de

cinco cães por mês. Os voluntários principalmente pagam quaisquer que sejam os seus custos de seus próprios bolsos. Eles encontram, alimentam e cuidam dos cães antes de colocá-los em caixas de transporte para as casas de passagem. Filhotes e cães jovens são a prioridade primeira, mas não os únicos adotados. Cães que estão muito doentes e sem perspectivas de melhora são sacrificados, mas muitos cães severamente lesionados e doentes se recuperam e são adotados. Todos os tipos de pessoas se tornam voluntários. No website há uma matéria de uma mulher idosa que vive da seguridade social e que praticamente não tem moradia própria que recrutou moradores de rua para cuidar e coletar cães, para os quais ela paga 5 dólares de seus escassos recursos. Conhecer o desenrolar de uma história não silencia o seu poder – ou sua verdade. As fotos no site parecem ser na maior parte de mulheres de classe média de Porto Rico, mas a heterogeneidade na Fundação Salve um Sato não é exclusividade apenas de cães.

O avião é um instrumento em uma série de tecnologias transformadas pelo sujeito. Os cães que saem do compartimento de carga do avião estão sujeitos a um contrato social diferente do que aqueles que lá nasceram. No entanto, não é que qualquer desabrigado em Porto Rico esteja susceptível a obter o seu segundo nascimento neste útero de alumínio. Cães menores, como garotas na cena humana, são o padrão ouro no mercado de adoção de cães. O medo estadunidense da agressão a partir do Outro conhece poucos limites e certamente não aqueles das espécies ou do sexo. Para seguir este ponto, precisamos partir do aeroporto para o excelente abrigo em Sterling, em Massachusetts, que tem abrigado mais de 2000 Satos (e cerca de 100 gatos) desde que se juntou ao programa em 1999. Mais uma vez, acho que me orientei na exuberante cibercultura da terra dos cães (www.sterlingshelter.org).

Os abrigos para cães no nordeste dos EUA em geral tem poucos cães na faixa de 10-15 libras para atender a demanda. Ser o dono (ou guardião) de um cão de tamanho médio, esterilizado, recuperado e bem comportado confere um alto status em boa parte da terra dos cães nos EUA. Alguns destes status vêm do orgulho em não sucumbir aos discursos eugênicos que continuam a divertir os mundos dos cães de raça pura. Mas a adoção de um cão de rua ou abandonado, vira-lata ou não, dificilmente remove esse animal dos pântanos das ideologias de melhora classistas e enraizadas na cultura, biopolíticas familiares e modas pedagógicas. De fato, a eugenia e outros discursos de melhoramento da vida “moderna” têm tantos ancestrais compartilhados (e irmãos vivos) que o coeficiente de cruzamentos excede mesmo àqueles da cópula pai-filha.

Adotar um cão de um abrigo dá muito trabalho, uma quantidade razoável de dinheiro (mas não tanto quanto os custos para se preparar os cães), e uma vontade de se submeter a um aparelho governamental suficiente para ativar as alergias de qualquer libertário Foucaultiano ou paisagistas das mais diferentes estirpes. Eu apoio este aparato – e muitos outros tipos de poder institucionalizados – para proteger classes de sujeitos, incluindo os cães. Eu também apoio vigorosamente a adoção de animais resgatados e oriundos de abrigos. E então minha dispepsia em reconhecer de onde vem tudo isto terá de ser suportado ao invés de aliviado.

Bons abrigos obtêm muitos de pedidos para cães Sato. Receber um cão faz com que as pessoas comprem em lojas de animais e apoiem a indústria de filhotes. O abrigo Sterling nos disse que 99% dos filhotes comprados a partir dos EUA são cães médios ou grandes, todos os quais foram adotados. Muitos filhotes e cães jovens de grande porte vieram para o Sterling tendo vindo do *Homebound Hounds Program*, que importa cães provenientes do nordeste em parceria com abrigos no sul dos EUA – outra área do mundo onde a ética de cães e gatos esterilizados não é segura, para dizer o mínimo. E ainda, as pessoas que procuram por cães pequenos de abrigo estão sem sorte no mercado doméstico. Estas estratégias de ampliação familiar das pessoas exigem diferentes camadas locais e globais. No entanto, assim como com a adoção internacional de crianças, não é fácil obter um cão importado. Entrevistas e formulários detalhados, visitas domiciliares, referências de amigos e veterinários, comprometimento para educar o cão de forma adequada, aconselhamento de criadores locais, comprovante de propriedade domiciliar ou documentação escrita dos

locatários de que é permitido animais de estimação e, então, longas listas de espera: tudo isto, e mais, é normal. O objetivo é um lar permanente para os cães.

Os meios são um aparelho de fazer parentesco que alcança e se baseia na história “da família” de todas as maneiras imagináveis, literalmente. Prova da efetividade das espécies de companhia, os aparelhos de formação de famílias encontram-se numa análise pouco narrativa. As histórias de sucesso de adoção regularmente se referem a irmãos e outros parentes multi-espécies como mães, pais, irmãs, irmãos, tias, tios, primos, avós, etc. As histórias de adoção de animais de raça pura seguem o mesmo fluxo, e estes processos de adoção/propriedade envolvem muitos dos mesmos instrumentos documentais e sociais antes que se possa qualificar para se obter um cão. É quase impossível – e geralmente irrelevante – interpretar a partir das histórias a quais espécies estão se referindo. Uma ave de estimação é a irmã de um cão novo e o bebê humano irmão e a tia gata idosa e todos são representados de forma relacional com os seres humanos adultos da casa como mães e/ou pais. A heterossexualidade não é apropriada, a heteroespecificidade sim.

Eu me recuso ser chamada de “mãe” dos meus cães porque temo a infantilização dos cães adultos e a identificação equivocada do importante fato de que quero cães, não bebês. Minha família multi-espécies não é sobre barriga de aluguel ou substitutos; estamos tentando viver em outros tropos, outros metaplasmos. Precisamos de outros substantivos e pronomes para os gêneros de parentesco das espécies de companhia, assim como fizemos (e ainda fazemos) para o espectro de gêneros. Exceto em um convite de partido ou uma discussão filosófica, o “outro significativo” não vai fazer por parceiros sexuais humanos; e o termo desempenha pouco melhor para abrigar os significados cotidianos das relações de parentesco com os godos na terra dos cães.

Mas talvez eu me preocupe muito com as palavras. Tenho que admitir que não está claro que os idiomas de parentesco convencionais em uso na terra dos cães nos EUA se referem à idade, às espécies ou ao status biológico reprodutivo de forma ampla (exceto para exigir que muitos dos animais não-humanos sejam estéreis). O ponto não são os genes e o que, certamente, é um alívio. O ponto é o fazer das espécies de companhia. É tudo em família, para o melhor ou para o pior, até que a morte nos separe. Esta é uma família formada no ventre do monstro das histórias herdadas que têm de ser habitadas para serem transformadas. Eu sempre soube que se eu aparecesse grávida, eu gostaria que o ser em meu útero fosse um membro de outra espécie; talvez esta acabe por ser a condição geral. Não é só vira-latas, dentro ou fora do tráfico de adoção internacional, que procura uma categoria de sua autoria na outridade significativa.

Eu anseio por muito mais reflexão na terra dos cães sobre o que significa herdar o legado multi-espécies e implacavelmente complexo que cruza escalas de tempo evolutivas, pessoais e históricas das espécies de companhia. Cada raça registrada, na verdade cada cão, está imerso em práticas e histórias que podem ou deveriam amarrar os donos de cães numa miríade de histórias de trabalho vivido, formação de classe, elaborações de gênero e sexo, categorias raciais e outras camadas locais e globais. Muitos cães sobre a Terra não são membros de raças institucionalizadas. Cães de vila ou cães ferozes rurais e urbanos levam a sua própria outridade significativa para as pessoas com as quais vivem, e não apenas para pessoas como eu. Nem são os vira-latas ou os chamados cães de “raça aleatória” no “mundo desenvolvido” como os tipos funcionais de cães que emergiram nas economias e ecologias que já não florescem mais. Os cães andarilhos de Porto Rico chamados “Satos” se tornam membros das “eternas famílias” de Massachusetts, sem contar as histórias de complexidade e consequências atordoantes. Nas atuais naturezaculturas, raças podem ser meios necessários, se profundamente falhos, para continuar os tipos úteis de cães de onde eles vieram. Os atuais fazendeiros estadunidenses têm muito a temer por causa da especulação imobiliária de algumas empresas de São Francisco ou Denver do que de lobos, não importa o quão longe eles fiquem dos parques ou dos indígenas americanos, não importa o quão efetivo eles sejam na corte.

Em minha própria naturezacultura pessoal e histórica, conheço em minha carne que a maioria dos

donos brancos de classe mediada da terra dos Pirineus e Aussies tem uma responsabilidade, ainda que desarticulada, em participar na re-imaginação das ecologias pastoris e nos modos de vida que foram difundidos em parte significativa pelas mesmas práticas agrícolas que exigem o trabalho destes cães. Através de seus cães, pessoas como eu, estão ligadas aos direitos de soberania indígenas, à pecuária econômica, à sobrevivência ecológica, à reforma radical do complexo industrial da carne, à justiça racial, às consequências da guerra e migração e às instituições da tecnocultura. Isto é sobre, nas palavras de Helen Verran, “ficar juntos”. Quando a Cayenne “de raça pura”, o Roland “de raça misturada” e eu tocamos, nós incorporamos na carne as conexões dos cães e das pessoas que nos tornaram possíveis. Quando eu afaguei o sensual Grande Pirineu de Susan Caudill, Willem, eu também toco os lobos cinzentos canadenses realocados, readequo os ursos eslovenos e a ecologia da restauração internacional, assim como campeonatos de cães e economias pastoris multinacionais. Juntamente com o cão por inteiro, precisamos de todo o legado que é, depois de tudo, o que torna possível todas as espécies de companhia. Não tão estranhamente, todos estes conjuntos são nós não-euclidianos de conexões parciais. Habitando aquele legado sem a pose de inocência, podemos esperar a graça criativa do jogo.

Do “Notas da Filha de um Escritor de Esportes”, *Junho de 2000*:

A senhorita Cayenne Pepper ao menos mostrou a sua verdadeira espécie de ser. Ela é uma fêmea Klingon no cio. Você pode não assistir muita televisão ou ser fã do universo de Jornada nas Estrelas como eu, mas eu aposto que a notícia de que as fêmeas dos Klingons são seres sexuais formidáveis, cujos gostos se tornam ferozes, têm alcançado a todos nos planetas federados. O cão Pirineus em nossa terra, o Willem intacto de 20 meses de idade, tem sido o parceiro de Cayenne desde que eles eram filhotes, começando com 4 meses de idade. Cayenne foi castrada quando ela tinha 6 meses e meio de idade. Ela está sempre feliz, recostada nas costas convidativas de Willem, começando na sua cabeça com o nariz apontando para a sua calda, enquanto ele se deita no chão tentando morder a sua perna ou lambe a área genital rapidamente. Mas durante o nosso final de semana memorial na terra de Healdsburg, as coisas esquentaram, mas levemente. Willem é uma alma masculina adolescente, excitada, gentil e totalmente inexperiente. Cayenne não tem o hormônio do cio em seu corpo (mas não vamos esquecer aqueles córtices adrenais muito presentes bombeando os chamados andrógenos que estimulam o embelezamento do desejo mamífero em machos e fêmeas). Ela, no entanto, se transformou numa putinha com Willem, e ele está INTERESSADO. Ela não faz isto com nenhum outro cão, ‘intacto’ ou não. Nenhuma de suas brincadeiras sexuais tem alguma coisa a ver com o comportamento reprodutivo heterossexual funcional – nenhum esforço de Willem de acasalar, nenhuma apresentação de um dorso feminino atrativo, nenhuma farejada genital, nenhuma lamentação ou estímulo, nenhuma de todas aquelas coisas reprodutivas. Não, aqui temos a pura perversidade polimórfica que é tão querida aos corações de todos nós que ficamos adultos nos anos 1960 lendo Norman O. Brown.

*O Willem de 110 libras se deita com um olhar brilhante em seus olhos. Cayenne, pesando 35 libras, parece definitivamente enlouquecida conforme ela esfrega sua área genital em cima da cabeça dele, o nariz dela apontando em direção ao rabo dele, pressiona para baixo e balança as costas dela vigorosamente. Quero dizer com força e rapidamente. Ele tenta o quanto pode passar a sua língua sobre os genitais dela, que inevitavelmente a desaloja da parte de cima da cabeça dele. Parece um pouco como um rodeio, com ela montando um cavalo e ficando o maior tempo possível. Eles têm objetivos levemente diferentes neste jogo, mas ambos estão comprometidos com a atividade. Certamente se parece com o eros para mim. Definitivamente não o ágape. Eles se mantêm assim por cerca de três minutos pela exclusão de qualquer outra atividade. Então, eles voltam para outra rodada. E outra. O riso de Norman Susan e o meu, se rouco ou discreto, não merece a atenção deles. Cayenne rosna como uma fêmea Klingon durante a atividade, com os dentes à mostra. Lembro-me de quantas vezes a mestiça Klingon B’Elanna Torres nas **Viagens de Jornada nas Estrelas** coloca o seu amante viajante humano Tom Paris na enfermaria? A brincadeira de Cayenne, oh meu, que jogo. Willem está muito compenetrado. Ele não é um Klingon, mas quais feministas de*

minha geração chamariam de um amante atencioso.

*A sua juventude e vitalidade fazem uma paródia da hegemonia heterossexual reprodutiva, assim como as gonadectomias promotoras de abstinência. Agora, eu, de todas as pessoas, que tem escrito livros infames sobre como nós, seres humanos ocidentais, projetamos sem escrúpulos as nossas ordens e desejos sociais sobre os animais, deveríamos conhecer melhor do que ver a confirmação do **Corpo do Amor** de Norman O. Brown em minha castrada Aussie e o **Cão Guardiã da Pastagem** talentoso de Susan com aquela língua grande, desleixada e aveludada. E ainda, o que mais poderia estar acontecendo? Insinuando: este não é um jogo de busca ou perseguição.*

Não, esta é uma coreografia ontológica, que é daquele tipo vital de jogo que os participantes inventam fora das histórias de corpo e mente que eles herdaram e reformularam nos verbos carnavais que os tornam quem eles são. Eles inventaram este jogo; este jogo os remodela. Mais uma vez o metaplasmo. Ele sempre reaparece no sabor biológico das palavras importantes. A palavra é feita carne em naturezaculturas mortais.

[\[1\]](#) Bióloga e Analista Ambiental.



Be the first to like this.

Esse post foi publicado em [Traduções](#) e marcado [Ética Ambiental](#), [Direitos dos Animais](#), [Feminismos Materiais](#). Guardar [link permanente](#).

(TRANS)ECOQUEER

The Twenty Ten Theme. Blog no WordPress.com.